

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.ºs 5 e 6

SUMMARIO. — Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes: ctas das sessões da Assembléa Geral de 4 de Agosto, 20 de Outubro, 1 de Dezembro de 1898 e 3 de Janeiro de 1899. — Relatorio sobre a Bibliotheca da Associação, pelo sr. Visconde da Torre da Murta. — Noticia sobre a Igreja do Real Collegio dos Jesuitas, em Angra do Heroismo, pelo sr. dr. José Augusto Nogueira Sampaio. — Dativas do Almirante D. Vasco á egreja de Juromenha, pelo sr. Sousa Viterbo. — Os artistas da Batalha e o Infante D. Pedro, pelo sr. Sousa Viterbo. — Architectura. — Convento de Christo em Thomar: carta ao sr. Visconde da Torre da Murta pelo sr. Ernesto Loureiro. — Noticias archeologicas, do sr. E. da Rocha Dias. — Mosteiro de Grijó, do sr. Silva Ventura. — Arredores de Lisboa. — Extracto dos officios enviados á Commissão que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes encarregou de redigir a representação ao Governo ácerca dos monumentos nacionaes (conclusão).

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS
E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Sessão da Assembléa Geral em 4 de Agosto de 1898.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Conde de S. Januario.
Secretarios, Rocha Dias e o Ex.^{mo} Sr. Ascensão Valdez.

Compareceram os Ex.^{mos} Srs. Valentim Corrêa, Francisco Simões Margiochi, Cavalleiro e Sousa, Mena Junior, Jesuino Ganhado, Guilherme de Sousa, Francisco Parente e general Bom de Sousa.

Abertura da sessão ás quatro horas da tarde.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

O sr. visconde da Torre da Murta participou que não comparecia por motivo justificado, e o sr. Gaspar da Costa Pereira de Vilhena agradeceu a sua eleição para socio correspondente.

O sr. Valentim Corrêa informou que tinham já

dado entrada no museu da Associação os objectos que pelo Ministerio da guerra foram offerecidos e que estavam nas dependencias do convento de Chellas.

Esses objectos são :

— uma pedra com inscripção, uma com um pégaso e um grypho, e uma outra esquadrelada;

— uma pedra que figura tres leões devorando palmas, tres capiteis de pedra e uma pedra com labores;

— uma grande porção de azulejos.

O sr. Valdez ficou incumbido de fazer uma noticia historica d'estes objectos.

Por não poder comparecer o sr. Rosendo Carneiro, relator da commissão encarregada de dar parecer sobre o monumento de D. Maria I, ficou adiada para a seguinte sessão a discussão d'este parecer.

Foi admittido a socio effectivo o sr. Raphael Duarte de Mello, desenhador de 2.ª classe do Ministerio das obras publicas.

O sr. Guilherme de Sousa propoz que n'um livro especial se registassem, á proporção que fossem entrando, os objectos adquiridos para o Museu

e se descrevessem tão minuciosamente quanto possível.

Foi approvedo.

A convite do sr. Presidente, foi pelo mesmo illustrado socio proponente acceito o encargo de fazer o registo, com a declaração, porém, de que o accetava como um simples auxiliar dos srs. conservadores do Museu.

Não havendo mais de que tratar, o sr. Presidente encerrou a sessão, eram 3 horas da tarde.

O segundo secretario servindo de primeiro
Eduardo Augusto da Rocha Dias

Sessão da Assembléa Geral em 20 de Outubro de 1898.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Conde de S. Januario.
Secretarios, Rocha Dias e o Ex.^{mo} Sr. Ascensão Valdez.

Estiveram presentes á sessão os socios effectivos Srs.: Simões Margiochi, Abel Botelho, Rosendo Carvalho, Adões Bermudes, Mena Junior, Jesuino Ganhado, Alvaro Machado e Francisco Parente.

Abertura da sessão ás tres horas e meia da tarde.

Foi approveda a acta da sessão anterior (4 de Agosto).

Leu-se a correspondencia, que era a seguinte:

Officio do engenheiro adjunto do inspector dos serviços de Obras Publicas do districto de Lisboa, remettendo para o nosso Museu os objectos seguintes: dez quadros d'azulejos de diversos padrões, duas lapides, quatro almofadas de talha de pinho, duas pedras de mosaico de marmore de diversas côres.

Foram votados e communicados agradecimentos ao remettente.

Officio do socio correspondente sr. José Pinto da Silva Ventura, enviando duas photographias, uma do interior do castello da Feira e outra das ruínas do palacio dos condes da Feira.

Outro do sr. Hypacio F. de Brion, digno commandante da canhoneira Tejo, remettendo tres photographias offerecidas pelo sr. F. M. Burke, consul geral de Portugal em Argel.

Outro do sr. Valentim José Corrêa, participando não poder assistir á sessão por causa de serviço.

Outro do sr. Visconde da Torre da Murta, desculpando-se de não poder assistir á sessão e communicando a forma como representou a nossa Associação ao receber os Congressistas estrangeiros.

A assembléa votou a s. ex.^a louvores e agradecimentos.

Outro da Comissão Executiva do 5.^o Congresso Internacional da Imprensa, remettendo-nos dois bilhetes para assistirmos á sessão solemne de inauguração do referido Congresso, no dia 26 de Setembro do anno corrente.

Convite da Sociedade de Geographia para a sessão livre effectuada em 21 de Setembro, (conferencia de Mr. Gandolphe acerca de Alphonse Daudet).

Outro da Administração da Santa Casa da Misericórdia, para visitarmos a capella de S. João Baptista, na egreja de S. Roque, e o seu thesouro.

Entre as publicações recebidas avultavam as seguintes: um estudo historico-descriptivo do Castello de S. Jorge, offerecido pelo seu auctor o sr. Augusto Vieira da Silva, tenente de engenharia; jornal unico, commemorativo do Centenario da India, remettido á Associação pelo Governador de Macau; *Pintura Simples*, trabalho notavel do socio effectivo sr. Liberato Telles; *Lições de Numismatica*, pelo nosso erudito consocio, sr. dr. J. Leite de Vasconcellos e relatórios da «Smithsonian Institution».

Entrando-se na ordem do dia, que era a discussão do parecer relativo ao monumento de D. Maria I, o sr. Presidente concedeu a palavra ao sr. Rosendo Carvalho, relator da commissão eleita pela Assembléa Geral, em 5 de Junho do corrente anno.

O sr. Carvalho pediu dispensa de apresentar o indicado parecer, dizendo que este não podia reproduzir melhor as idéas expostas pelos membros da commissão do que a propria acta da unica reunião que ella tivera em 25 de Junho do anno corrente.

N'esse documento, assignado pelo sr. Bermudes, e que a commissão o auctorisára a tornar publico, depois de se enunciar o objecto da reunião, encontram-se os seguintes periodos que são textualmente transcriptos e foram lidos pelo sr. Carvalho:

«O sr. Rosendo Carvalho disse que começava por congratular-se por haver n'uma das camaras do paiz uma voz que se erguera para combater o vandalismo que se tentara praticar com aquelle monumento e por esse facto propoz um voto de louvor ao dignissimo Presidente da Commissão, pela energica attitude que s. ex.^a tomára no parlamento para a defeza d'aquella obra d'arte por isso que estas constituem a prova da mentalidade dos paizes civilizados.

«Approvedo o voto de louvor por unanimidade, o sr. Presidente agradeceu, affirmando o interesse que lhe inspiravam todas as coisas do passado, que podiam servir de elementos para a historia patria, abrindo em seguida os debates.

«O sr. Adões Bermudes explicou a sua attitude nas sessões da Associação, quando se tratara d'este assumpto, dizendo, que por essa occasião fôra de parecer que o monumento se deveria erigir cerca de qualquer das instituições creadas por aquella soberana. Visitando, porém, ultimamente todos esses locaes, verificára o seguinte: — que o largo em face da Academia das Bellas-Artes era de estreitas dimensões e de forma muito irregular, prestando-se mal á adaptação do monumento, que offereceria ali desagradaveis perspectivas, possuindo já este edificio, no vestibulo da bibliotheca nacional, um monumento a D. Maria I, devido ao afamado escultor Machado de Castro; na Academia Real das Sciencias tambem não havia meio de o collocar, pois que exteriormente a rua era estreita e não havia largo ou praça em frente d'este edificio, e interiormente, no grande pateo do claustro, tambem era difficil a collocação por causa da cisterna que o pateo cobre, e por se achar o claustro occupado com as novas installações do museu ethnologico; na Cordoaria Nacional, embora fosse um estabelecimento util, seria deprimente erigir o real monumento; na Real Casa Pia, além da sua installação, actualmente em Belem, ser muito longe da primitiva installação, succede ainda que não offerece local condigno para a construcção do monumento, que só se poderia realisar dado o caso de se fazerem as ampliações que se projectam n'aquelle benefico estabelecimento, e n'este caso deveria contar-se com isto, abrindo para a rua de S. Jeronymo um amplo claustro, no centro do qual o monumento teria cabimento; isto porém está ainda para muita demora.

«Duas soluções restam pois no seu entender, que são acceitaveis; a primeira é a collocação do monumento ao pé da Igreja da Estrella, que é realmente a mais bella creação d'aquella rainha, e a que mais significativa e duradouramente perpetuará a sua memoria atravez dos tempos. Era esta a ideia alvitada por esta Associação, quando ha annos fôra consultada sobre o mesmo assumpto; infelizmente vedou se depois o bello jardim que defronta com a magnifica Basilica do Coração de Jesus e logo á frente collocaram absurdamente uma estufa que, embora esteja em lugar improprio custaria muito a remover.

«Seria pois no interior do jardim que propria a erecção do monumento, segundo uma das soluções que apresentára.

«A segunda solução, que propunha, e que lhe parecia mais pratica, mais economica e de mais facil e rapida realisação era a collocação do monumento completo, segundo o projecto do seu auctor, na nave principal do museu archeologico do Carmo. Era isto que no seu entender se deveria

propôr ao governo, podendo n'este caso a Associação encarregar-se de dirigir os trabalhos, mas que no caso do monumento ser erigido fôra do museu, a Associação se deveria abster de toda a ingerencia n'este assumpto para evitar que o seu nome andasse ligado a quaesquer discussões que este assumpto provocasse.

«O sr. Valentim Corrêa fez alguns reparos sobre qual seria o projecto primitivo, em virtude de algumas differenças que notou entre a photographia da *maquette* do monumento, existente na Associação e a redução do mesmo, que se encontra no Museu das Janellas Verdes; referiu-se a uma conversação que ultimamente tivera com o sr. Gabriel Pereira, em que este consocio, apoiando se no documento encontrado na Torre do Tombo pelo sr. Sousa Viterbo no qual se diz que a estatua se destinava a Queluz, manifestava ser de opinião que o monumento se erigisse no local a que era destinado.

«O sr. Rosendo Carvalheira disse que a consulta que se nos fazia era sobremaneira honrosa, mas que era tambem excessivamente delicada, por nos collocar em situação difficil, que nos podia trazer graves responsabilidades que era mister salvaguardar.

«Para elle a questão devia encarar-se sob dois pontos de vista: — o da archeologia e o da politica. Esses dois pontos de vista podiam traduzir-se nos dois quesitos seguintes:

«1.º Deve erigir-se o monumento, conservando-o no seu conjuncto e salvaguardando assim a intenção com que foi feito?

«2.º Deve erigir-se esse monumento em qualquer praça ou local publico de Lisboa?

«Ao primeiro quesito responderia que sim, que o monumento deveria ser reconstituído, porque isso está dentro das nossas attribuições; quanto ao segundo, parecia-lhe o caso muito serio, e affigurava-se-lhe difficil que se podesse obter o consenso de todos, e que, se alguns veriam na iniciativa d'esta Associação uma simples questão de amor pela Arte, não faltaria quem visse n'ella uma manifestação politico-religiosa.

«Esta Associação atravessa uma phase de trabalho e de dedicação que lhe está attrahindo as sympathias do publico; é preciso evitar tudo aquillo que possa alienar-lhe essas sympathias.

«Declarou-se contrario á erecção do monumento em Queluz, por ficar longe de Lisboa e porque bastantes vandalismos se teem praticado por lá; além d'isso o transporte do monumento de Lisboa para Queluz não só era difficil como dispendioso, e no melhor sitio onde se poderia erigir o monumento encontra-se já um chafariz publico.

«Deseja que se reconstitua o monumento, mas em sitio onde não possa ser malsinado, e como o

sr. Bermudes mostrára, por exclusão de partes, que o monumento só se poderia erigir convenientemente no Museu, era também de opinião que se erigisse na parte mais nobre d'elle, onde estivesse mais em evidencia; assim satisfariamos os nossos desejos de salvar da destruição aquella obra d'arte, que é também um documento historico, e ninguém nos poderia accusar de collocar aquella soberana em local indigno d'ella, porque no sitio em que vivera o Condestavel «O Santo» poderia estar D. Maria «A Piedosa», e nós cumpríamos honradamente o nosso dever, levantando a sua estatua um throno, aqui, onde ella, abandonada e desprezada por toda a parte, veio encontrar abrigo.

«O sr. Queiroz Ribeiro observou que não sendo o monumento uma obra prima de architectura não lhe parecia que o Museu fosse logar apropriado para a sua erecção. Encontra pessima a architectura, embora a esculptura seja melhor.

«Por estes motivos e pelas grandes dimensões do monumento é de opinião que este se deveria erigir n'uma praça publica, depois de se fazerem algumas modificações na parte architectonica do mesmo.

«O sr. Rosendo Carvalheira disse que nos compelia tratar esta questão sob o ponto de vista archeologico apenas, e por isso era de opinião que se deveria reconstituir o monumento. Entende que nós não podemos fazer n'elle modificações, porque isso é fazer um monumento novo. Se esse monumento fosse a synthese d'um facto glorioso, se fosse um monumento a um artista, a um litterato, a um sabio, não haveria desloamento de epocha, mas trata-se de uma rainha que, embora tivesse grandes virtudes e qualidades, que elle era o primeiro a reconhecer, se deixou, pelas circumstancias do seu tempo, dominar por uma facção e essa facção resolveu erigir-lhe um monumento.

«Se esse monumento tivesse sido levado a cabo e se encontrasse n'uma praça publica, elle seria o primeiro a saudar o com respeito. Mas agora, e insiste na palavra, *agora* não lhe parece a melhor occasião para levar esse empreendimento a cabo. O paiz está passando por um periodo de transformação e de discussão de ideias, e esta Associação iria provocar aggressões e conflictos que poderiam trazer-lhe a impopularidade.

«Dá portanto o seu voto sem restricções para que o monumento seja erigido no Museu e com muitas restricções e reservas para que seja erigido lá fóra.

«O sr. Valentim Corrêa disse abundar nas mesmas ideias e fez notar que, tendo o sr. ministro das obras publicas observado que, se a despêza com a erecção do monumento não excedesse dois ou tres contos de réis, se animaria a auctorisar a sua reconstituição. Ora as despesas a fazer com esses trabalhos fóra do Museu, sobretudo em Queluz,

facilmente excederiam essa verba, tornando portanto irrealisaveis os bons desejos da Associação e do ministro.

«O sr. Queiroz Ribeiro disse que continuava sendo de opinião que o monumento se deveria construir n'um local publico e que só indicará esse local quando haja uma *maquette* nova; opina que nós não devemos erigir o monumento tal como está, porque isso trazia-nos a responsabilidade de ter erigido uma má coisa, o que faria com que se rissem de nós.

«O sr. Bermudes disse que se alguém se risse, se ria do monumento e não de nós, que o não fizemos, e que apenas nos limitamos a agrupar os seus membros dispersos, segundo o pensamento do auctor. Disse que a Associação não podia assumir mais larga iniciativa e que de nenhum modo podia contribuir com elementos novos para esse monumento, porque então esse monumento seria feito pela geração que o mandou fazer e pela Associação e esta não tem o mandato do paiz para erigir monumentos publicos a quem quer que seja. Quanto aos reparos feitos pelo sr. Queiroz Ribeiro de que este monumento não tinha as qualidades artisticas necessarias para permanecer no Museu e que portanto se deveria erigir em sitio publico, era justamente de opinião opposta, porque n'esse caso o monumento só serviria para divulgar o mau gosto, emquanto que exposto no Museu como documento de valor historico e archeologico, que realmente é, ninguém encontraria razão para criticar as suas relativas imperfeições.

«O sr. Carvalheira disse que n'uma epocha qualquer todas as artes marcham de par, entende que se não pôde modificar a architectura d'uma obra d'arte do passado sem modificar a esculptura. Ora, no caso presente, isto seria interpolar a nossa entidade artistica e ninguém nos chamou para isso. Em muitos monumentos antigos ha defeitos e no entanto corrigil-os seria uma profanação.

«Se o monumento era questão não constitue motivos para um desvanecimento artistico, razão de mais para que se não colloque na praça publica.

«O sr. Valentim Corrêa propõe para que se julgue a materia sufficientemente discutida e declara acceitar o local indicado. Referindo-se á esthetica do monumento, diz que elle não é tão mau como se pretende, pois que é a melhor obra do esculptor Aguiar, que foi alumno do celebre estatuario Canova, parecendo-lhe que seria uma falta de respeito modificar a sua obra.

«O sr. Presidente diz conformar-se com as ideias expendidas de não se modificar o monumento e de conserval-o no sitio onde ha o culto e o respeito pela arte.

«Considera pois como approvada a ideia de que

o monumento seja erigido no Museu da Associação e assim o fará participar á assembléa geral da mesma, pedindo á commissão para nomear um relator.

«Por proposta do sr. Bermudes foi nomeado relator o sr. Rosendo Carvalheira.

«Por ultimo combinou-se ir na proxima quarta feira, 29 do corrente, pelo meio dia, visitar a redução do monumento que existe no museu nacional das Bellas-Artes, ficando-se de convocar nova reunião para quando o relatório se achasse concluido.»

O sr. Presidente, ratificando que fôra por deliberação da Assembléa, e não a pedido do governo, que se consultára a commissão, agradeceu em nome da mesma Assembléa o cuidado que mereceu o objecto da consulta, e expoz a sua opinião de que o monumento destinado a uma praça publica não podia ser erigido dentro das ruínas de um edificio; demais a Associação não tem recursos pecuniarios indispensaveis para o levantar nem podia fazer essa obra sem auctorisação do governo, visto que tal monumento lhe não pertence. O que desejava era que se colligissem os dados precisos para se poder dizer ao governo: querendo erigir este monumento, aqui está o projecto, aqui está o orçamento da obra. Vê, porém, que a commissão entendeu não dever seguir esse caminho e por sua parte respeita os motivos que lhe imperaram no animo, como é seu costume acatar sempre todas as opiniões.

Usou da palavra em nome da commissão o sr. Margiochi, respondendo-lhe o sr. Presidente.

O sr. Abel Botelho diz que o monumento de D. Maria I é relativamente moderno e como tal não se deve levantar dentro de um museu archeologico. Posto que esteja de accordo em que podem ser mal-sinadas as intenções da Associação, não acharia inconveniente lembrar-se ao governo que o monumento podia ser collocado no largo da Estrella, á direita da Igreja. É esse o unico local que lhe parece apropriado, por estar junto a uma importante fundação d'aquella soberana.

O sr. Presidente poz em relevo as meritorias iniciativas de Maria I, não só no tocante a melhoramentos publicos e ao estabelecimento de institutos de instrucção, como a academia de marinha, a academia das sciencias, a bibliotheca nacional e a casa pia, mas no que diz respeito á causa da liberdade humana, porquanto fez sabir das masmorras dos fortes edificadas nas margens do Tejo centenas de fidalgos que lá jaziam havia dezenas de annos em miseravel situação, estando, como depois se provou, muitos d'elles isentos da culpabilidade que lhes fora attribuida no tempo da administração do Marquez de Pombal.

Apresentaram ainda algumas considerações os srs. Bermudes, Carvalheira e Margiochi. Resolveu-se que a Associação se abstivesse de tomar iniciativa da erecção do monumento e que se continuassem a empregar diligencias para se reunirem todas as peças que o compõem.

O sr. Bermudes mandou para a mesa a seguinte proposta:

(Refere-se a *Charles Garnier*, e está publicada a pag. 54 do numero antecedente d'este *Boletim*.)

O sr. Carvalheira propoz que se exarasse na acta um voto de profundo pesar pelo fallecimento do velho liberal e distincto jornalista, Joaquim Martins de Carvalho, redactor-proprietario do *Conimbricense*, e socio correspondente da nossa Associação.

Ambas as propostas foram approvadas por acclamação.

O sr. Presidente disse que recentemente vira nos jornaes a noticia de se haver descoberto uma gruta nas proximidades de Leiria; e que lhe parecia conveniente pedir a algum dos socios correspondentes n'aquella cidade informações minuciosas sobre a importância archeologica da mesma gruta.

Foi approvedo que se dirigisse ao sr. Ernesto Korrodi, professor da escola industrial de Leiria, o pedido d'estas informações.

Não havendo mais assumptos a tratar, o sr. Presidente encerrou a sessão. Eram 5 horas da tarde.

O segundo secretario servindo de primeiro,
Eduardo Augusto da Rocha Dias

Sessão d'Assembléa Geral em 1 de Dezembro de 1898.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Conde de S. Januario.
Secretario, Ascensão Valdez.

Compareceram além da mesa os Ex.^{mas} Srs. Valentim José Corrêa, dr. J. Leite de Vasconcellos, dr. Sousa Viterbo, visconde da Torre da Murta, Guilherme João Carlos Henriques, Silva Leal, Mena Junior, Jesuino Ganhado, e Soares O'Sulivand.

A sessão começou ás tres e meia horas da tarde.

Approvada a acta da sessão anterior (20 de Outubro).

Leu se a correspondencia, que era a seguinte:

Participação do sr. Rocha Dias de não comparencia á sessão por incommodo de saude e pedindo a justificação da sua falta.

Um officio da junta de parochia de Lervão instando novamente com a Associação para que esta se interesse por todos os meios ao seu alcance pela conservação da igreja do antigo e historico convento, ameaçado de arruinar-se, se não se lhe acudir.

O sr. Presidente disse que fosse enviado á commissão dos monumentos, e a proposito lembrou a conveniencia de ser apresentado em sessão um relatório dos trabalhos aos quaes a respectiva commissão tenha procedido em vista dos diversos officios que lhe tem sido enviados.

Um officio do socio correspondente sr. Ernesto Korrodi informando, em resposta ao pedido d'esta Associação, ácerca da gruta ultimamente descoberta em Leiria; que apenas tem de notavel o seu revestimento de stalagmites pela infiltração de agua, e que pelo difficil accesso, não parece que tenha sido habitada. A Assembléa ouviu com interesse esta informação e determinou que se agradecesse.

O sr. Mena Junior declarou que o sr. Provedor da Santa Casa da Misericordia de Lisboa de muito boa vontade cede, para ser depositada no Museu do Carmo, a imagem de S. Roque, que esteve sobre o postigo da muralha antiga demolida, proximo da igreja de S. Roque.

Determinou-se agradecer ao sr. Provedor.

O sr. dr. Leite de Vasconcellos justificou a sua falta de comparencia ás sessões anteriores e fez saber á Assembléa que o trabalho da collocação dos objectos romanos e prehistoricos do Museu tem sido mais demorado por falta de indicações.

O sr. Visconde da Torre da Murta propoz que se exarasse na acta um voto de louvor ao sr. dr. Leite de Vasconcellos, não só pelo trabalho da collocação dos objectos como tambem pelo seu deposito de uma collecção de objectos pre-historicos.

O sr. dr. Leite de Vasconcellos propoz tambem um voto de louvor ao sr. Mena Junior por ter conseguido que algumas das antiguidades de Chellas fossem por ordem da secretaria da guerra enviadas ao Museu.

Estas propostas foram approvadas.

Passando-se á ordem do dia, que era eleição dos corpos gerentes para o futuro anno de 1899, o sr. Presidente declarou que ia interromper a sessão para se proceder ás listas.

O sr. dr. Sousa Viterbo propoz que fosse consultada a assembléa se admittia que a eleição fosse feita por aclamação, a exemplo do que já se tem feito e que a eleição recabisse nos membros da actual gerencia.

Foi approvada a proposta, ficando por esta forma reeleitos todos os corpos gerentes.

O sr. O'Sulivand pediu para não acceitar o cargo de conservador e apresentou a escusa motivada por serviços que o impossibilitavam de bem desem-

penhar esse cargo. Não foi acceita em vista dos muitos e relevantes serviços prestados pelo socio na nova collocação dos objectos do Museu, e o sr. Presidente propoz que fossem creados mais dois logares de conservadores e que indicava os srs. Mena Junior e Jesuino Ganhado para os desempenhar, e assim auxiliariam os primeiros conservadores e os substituiriam em seus impedimentos.

Foi approvado.

O sr. Mena foi aggregado á commissão de construcções.

O sr. Presidente apresentou á assembléa o pedido do continuo Figueiredo a respeito de um abono que deixou de receber desde meiado de selembro pelo trabalho extraordinario de manhã e de tarde, fóra das horas do serviço do Museu, motivado pelas obras mandadas executar pelo ministerio das obras publicas.

O sr. Valentim Corrêa fez varias considerações sobre o abono de character provisorio pago pelas obras publicas e a impossibilidade d'elle continuar e que a assembléa não poderia votar já qualquer gratificação sem saber o estado do cofre da Associação, e que se esperasse o relatório do sr. Thezoureiro para então se vêr os fundos disponiveis.

O sr. Presidente, concordando com as considerações do sr. Valentim Corrêa, pedia aos socios presentes que promovessem pelos melhores meios possiveis o augmento d'esta Associação, propondo socios que a illustrassem e auxiliassem na verba das quotas e que seria bom que o sr. Thezoureiro apresentasse com o seu relatório um mappa da effectividade do pagamento das quotas de todos os socios para a assembléa tomar conhecimento.

O sr. Presidente, não havendo mais assumpto a tratar, deu para ordem do dia da sessão immediata apresentação de contas, leitura de memorias e a posse dos corpos gerentes.

Foi encerrada a sessão eram 5 e meia horas da tarde.

O Vice Secretario

José Joaquim d'Ascensão Valdez

Sessão da Assembléa Geral em 3 de Janeiro de 1899.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Conde de S. Januario. Secretario, Ascensão Valdez.

Abertura da sessão, ás 3 horas da tarde.

Compareceram além da mesa os Ex.^{mos} Srs.: Valentim José Corrêa, Pimentel Maldonado, Visconde da Torre da Murta, dr. Sousa Viterbo, Rosendo Carvalheira, Adães Bermudes, Zephyrino Brandão,

Carlos Henriques, Mena Junior e Soares O'Sulivand. Foi approvada a acta da sessão anterior (1 de Dezembro).

Leu-se a correspondencia que era a seguinte :

Participação do 2.º secretario, sr. Rocha Dias, agradecendo a sua reeleição, consignando a sua adhesão ás manifestações que esta Associação resolve fazer á memoria do digno socio sr. Visconde de Valmor, e pedindo desculpa de não comparecer á sessão por obrigação de serviço publico.

Do thesoureiro, sr. Ernesto da Silva, pedindo desculpa de não poder comparecer á sessão.

Do sr. Visconde de Melicio participando que deixa de ser socio effectivo por motivo de sua doença.

Egualmente do socio sr. Cavalleiro e Sousa, de ter faltado ás ultimas sessões por motivo de doença.

Do conservador adjunto do museu archeologico de Faro, agradecendo a recepção dos n.ºs 3 e 4 do nosso *Boletim*, congratulando-se com a fórma tão notavelmente distincta por que esta Associação comprehende e cumpre os altos misteres que se propoz.

O sr. Zephyrino Brandão explicou que a sua falta ás sessões era devida ao seu muito serviço e não por menos consideração para com a Associação.

Foram presentes na sessão as obras offerecidas para a Bibliotheca da Associação, sendo pelo sr. Presidente a continuação do jornal *Royal Institute of British Architects* e 2 volumes de *Mémoires de la Société Académique Indo Chinoise de France*, e pelo sr. Rocha Dias diversos volumes sobre legislação parlamentar e outras obras.

O sr. Presidente declarou que tinha convocado a Assembléa para se tratar de um assumpto importante, qual era a manifestação de homenagem que esta Associação devia prestar á memoria do seu socio fundador e effectivo o sr. Visconde de Valmor, o qual, como governador civil de Lisboa, foi quem approvou os primeiros estatutos d'esta Associação, e cujas disposições testamentarias tão generosa e excepcionalmente protegiam as bellas artes, e que aproveitava esta sessão para todos os corpos gerentes da Associação se considerarem investidos nas funcções dos cargos para que haviam sido reeleitos na ultima sessão.

O sr. Adões Bermudes pediu a palavra antes da ordem do dia para propôr um voto de louvor ao sr. Ministro das Obras Publicas pelo seu decreto de 29 de dezembro ultimo, reorganizando o serviço dos monumentos nacionaes, satisfazendo assim uma das mais gratas aspirações d'esta Associação para a conservação e restauração dos muitos monumentos dispersos pelo paiz, esperando que s. ex.º o sr. Ministro fosse feliz na escolha dos membros que hão de compôr a nova commissão, e que d'esta demonstração se desse conhecimento ao sr. Ministro.

O sr. Rosendo Carvalheira associou se incondicionalmente á proposta, que, posta á votação, foi approvada unanimemente.

O sr. Presidente, considerando e louvando a proposta, disse que ao sr. Ministro das Obras Publicas muito deveria agradar a nossa manifestação e em seguida declarou que se devia tratar da homenagem ao sr. Visconde de Valmor, dada para ordem do dia.

Foi dada a palavra ao sr. Adões Bermudes, que, occupando-se da importancia material e moral dos legados a favor das bellas artes e dos artistas nacionaes, apresentou a seguinte proposta : 1.º que se exarasse na acta um voto de profundo pezar pelo fallecimento d'este illustre socio ; 2.º que se collocasse o seu retrato na galeria dos benemeritos d'esta Real Associação ; 3.º que se convidassem todos os socios a assistir ao funeral ; 4.º que se nomeasse um representante que, em nome da Associação, pronuncie algumas palavras de sentimento junto da sepultura.

Foi approvada esta proposta por unanimidade, com os seguintes addicionamentos : — que se desse conhecimento d'estas resoluções á Sr.ª Viscondessa de Valmor ; — que na sessão de inauguração do retrato fosse pronunciado o elogio historico do finado ; — que a meza assistisse ao funeral com os socios que se quizessem aggregar ; — e nomeado o sr. Rosendo Carvalheira para fazer o discurso á beira da sepultura em nome da Associação.

O sr. Valentim Corrêa faz ver á Associação que em uma sessão já passada fôra determinado fazer-se uma sessão especial para ser apresentado o elogio do fallecido socio Visconde de Alemquer pelo socio sr. Augusto Ribeiro, e que entendia não devia ficar preterido.

O sr. Presidente declarou que se entenderia a este respeito com o socio sr. Augusto Ribeiro, e o socio sr. general Maldonado ficou encarregado de sollicitar da Ex.ª Viscondessa um retrato para ser collocado na sala das sessões.

Da mesma fórma o sr. Presidente declarou que se encarregava de falar á Ex.ª Viscondessa de Valmor ácerca do retrato e, no caso de o não conseguir, então se recorreria á benemerencia do nosso socio honorario e distincto pintor sr. Felix da Costa, que por tantas vezes tem obsequiado generosamente a Associação.

O sr. Visconde da Torre da Murta disse que, estando quasi findas as importantes obras que transformaram convenientemente o Museu, que ás salas se deveria dar uma nova denominação e que entendia propôr fossem as seguintes : a sala principal — do Condestabre, por ser o fundador do edificio ; a das sessões — d'el-rei D. Fernando, por ter sido um dos mais prestimosos auxiliares da Associação ;

a das antiguidades romanas — de André de Resende, em homenagem a um dos nossos mais eruditos antiquarios; e as outras duas — uma de Possidonio da Silva, benemerito fundador da Associação, e a outra de Affonso Domingues, como preito a um dos primeiros architectos da Batalha.

Ficou para ser resolvido.

O sr. Valentim Corrêa participou o fallecimento do pae do nosso consocio sr. Jesuino Arthur Ganhado, e que na acta ficasse exarado o voto de sentimento.

Foi approvedo, determinando-se dar participação ao mesmo consocio.

O sr. Rosendo Carvalheira, louvando o sr. conde de S. Januario, nosso digno Presidente, pelos esforços que tem empregado para a realisação das importantes obras effectuadas no edificio da Associação, pedia a S. Ex.^a que, proseguindo no mesmo intento, consiga do sr. Ministro das Obras Publicas ordene a construcção de uma escada e passagem para os terraços das capellas, d'onde se goza um dos mais deslumbrantes panoramas de Lisboa, e que seria um attractivo não só dos habitantes da capital, mas de todos os forasteiros que a visitassem.

Sobre este assumpto falaram o sr. Presidente e o sr. Valentim Corrêa, ficando o sr. Rosendo Carvalheira encarregado de organizar um esboço do projecto e orçamento para assim o sr. Presidente melhor poder apresentar o seu pedido ao sr. Ministro.

O sr. Carlos Henriques offereceu uma photographia da placa marmorea com as armas de Damião de Goes e de sua mulher, existente na igreja da Varzea, em Alemquer, e apresentou uma pequena memoria a respeito de umas inscrições antigas gravadas na argamassa da coiraga da mesma villa.

Eram quatro e meia horas da tarde foi encerrada a sessão.

O Vice-Secretario
J. J. d'Ascensão Valdez.

RELATORIO SOBRE A BIBLIOTHECA DA ASSOCIAÇÃO

Senhores: — Satisfazendo ao encargo que nos fez a honra de commetter a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, vimos respeitosamente dar conta á Assembléa Geral, do movimento da sua bibliotheca durante o anno findo de 1898.

De differentes associações scientificas portuguezas, da Europa, da America do norte e sul; de diversas corporações; ministerios do Reino e Obras Publicas; ministerio de Instrucção Publica de França e ainda por obsequiosa offerta do nosso presidente o sr. Conde de S. Januario, e dos srs.: Albano

Bellino, Antonio Pena (filho), Augusto Cesar dos Santos, Augusto Eugenio Cavalleiro e Sousa, Augusto Pinto Montenegro, Augusto Vieira da Silva, Cazalis de Fondece, Decio Carneiro, Eduardo Augusto da Rocha Dias, Eduardo Augusto Rodrigues Galhardo, Governador de Macau, Francisco da Fonseca Benevides, Francisco Liberato Telles de Castro e Silva, Gabriel Pereira, João Lino de Carvalho, José Leite e Vasconcellos, José Germano da Cunha, José Maria do Carmo Nazareth, Luiz Gonçalves, Martins Capella, Maximiano d'Aragão, Oliveira Passos, Philotheio Pereira d'Andrade e Rocha Peixoto, recebeu a nossa bibliotheca uma valiosa collecção de publicações que constituem 128 obras, comprehendendo 77 volumes, 138 folhetos e 101 fasciculos, sendo estes, na sua quasi totalidade, continuação de obras anteriormente recebidas.

Deram estas publicações notavel desenvolvimento á nossa livraria que pode ser consultada como auxiliar valioso de estudo de variados ramos de sciencia, principalmente de archeologia e architectura.

Tratam essas publicações de: historia, geographia, architectura, archeologia, numismatica, sciencias naturaes e sociaes, botanica, agricultura, artes, viagens e variedades; escriptas em latim, grego, portuguez, hespanhol, francez, italiano, inglez, suéco, arabe e hebraico.

A estas obras, que detalhadamente se encontram mencionadas no mappa appenso, devemos accrescentar o «Diario do Governo» e alguns periodicos que nos foram enviados pelas suas respectivas redacções, e são os seguintes; «Boletim Municipal do Concelho de Lourenço Marques», do n.º 1 a 42; «Construcção», n.º 1 a 62; «Revue illustrée du Portugal», n.º 1 a 11; «Conimbricense», «Manuelinho d'Evora» e «Correio da Estremadura», com falta de numeros; alguns numeros da «Federação Escolar», «Mirandez», «Aurora do Cavado» e «Jornal do Fundão»; numero 5 do «Progresso», em homenagem a Pereira Caldas, além de um exemplar dos seguintes jornaes que se referem á circular que esta Associação expediu em 28 de novembro de 1897, e que nos foram offerecidos pelo nosso illustrado socio o sr. Rosendo Carvalheira: O Districto de Faro — O Districto de Leiria — O Elmano — A Folha — Jornal de Estarreja — O Jornal do Povo — Jornal de Vizeu — A Liberdade — O Penafidense — O Progressista — A Provincia — O Puritano; o numero 4190 do — Economista com um interessante e bem elaborado artigo sobre as ruinas do Carmo, artigo que foi transcripto no *Boletim* d'esta Associação, n.º 4, do 2.º tomo da 3.ª serie.

Tambem devemos á amabilidade do sr. José Pinto da Silva Ventura duas photographias representando o antigo castello da Feira, outra da

egreja do mosteiro de Pedroso e uma das ruínas do palácio dos Condes da Feira.

Um desenho do pelourinho de Arcos de Valde-Vez, acompanhado d'uma notícia historica pelo sr. dr. Felix Alves Pereira, publicada no *Boletim* da Associação.

Quatro interessantes e nitidas photographias de objectos de ceramica antiga, que obsequiosamente offereceu o sr. Frédéric Mollisson Poruke, consul de Portugal em Argel, por intermedio do sr. Hyacio de Brion.

E por assignatura feita na photographia Sartoris, de Coimbra, varias photographias de diferentes monumentos artisticos de Portugal.

Notavel foi o augmento de publicações recebidas durante o anno findo, o que se deve attribuir ao conhecimento dos importantes trabalhos d'esta Associação largamente divulgados pelo seu *Boletim*, que tem sido distribuido por numerosas associações nacionaes e estrangeiras e pela imprensa periodica, e não menos a dedicação incansavel do nosso prezado socio e digno secretario o sr. Rocha Dias, que, além dos avultados donativos, que tem feito e promovido com efficaz resultado para a bibliotheca, offereceu no decurso do anno proximo passado 36 volumes e 21 folhetos que compõem 34 obras, além de 56 catalogos de varias livrarias, que juntos aos existentes na bibliotheca, formam uma collecção curiosa, interessante e apreciavel.

Manifestou s. ex.^a o desejo de que o seu nome ficasse occulto. Louvamos e comprehendemos a sua modestia que nos merece o mais sincero respeito; porém não nos podemos eximir ao dever de consignar-lhe aqui o nosso agradecimento e cabal reconhecimento pelos seus bons officios e zeloso empenho em servir esta sociedade.

Como é notorio e bem sabido, partilhou a nossa bibliotheca, na sua instauração, dos importantes melhoramentos executados n'este edificio, graças á solicitude do nosso zeloso presidente o sr. Conde de S. Januario, que, pela sua actividade prestante e efficaz conseguiu em breve trecho a realisação dos justos desejos d'esta Associação, desde longos annos manifestados!

E' s. ex.^a bem digno do nosso reconhecimento e louvor, assim como s. ex.^a o ministro que mandou executar as obras, o sr. Augusto José da Cunha, hoje nosso dignissimo socio, e igualmente o são pela sabia e intelligente direcção na execução das obras, os nossos prezados socios os srs.: Mendes Guerreiro, Valentim Corrêa, Mena e Liberato Telles.

Bem merecem a attenção dos poderes publicos as ruínas venerandas d'este historico monumento de gloriosas e respeitaveis tradições, e que hoje encerra uma collecção archeologica importante para

o desenvolvimento de estudos historicos; conhecimento dos primordios da industria humana e grão de civilisação das gerações passadas.

Constituem uma collecção notavel e interessante as obras offerecidas a esta Associação pela commissão central executiva do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, e com que a benemerita sociedade de Geographia de Lisboa contribuiu para a commemoração d'aquelle facto singular; não só pelos curiosos e variados assumptos que as compõem, esmerada e cuidadosamente tratados pelos seus auctores, como, e particularmente, por commemorarem um dos feitos mais gloriosos que illustram a historia portugueza, tão rica em paginas de ouro que testemunham o nobre heroismo dos nossos antepassados, affirmado n'essas cruzadas da civilisação que mereceram a admiração e sympathia da Europa, onde o nome portuguez echoou com tal vigor e brilho, que, apesar da nossa decadencia presente, esses echos ainda se repercutem e vibram na grande alma do povo portuguez!

Provaram-no não ha muito, com a intrepidez, pundonor e brio peculiar do nosso soldado, uns poucos de heroes nas terras inhospitas da Africa!

Echos que se não apagam; porque lá está o immortal poema de Camões apontando para o vôo altivo da aguia portugueza atravez ignotas terras!

Lá está o monumental templo de Santa Maria de Belem, de esplendida e arrojada construcção, impondo admiração e respeito, commemorando um dos feitos mais luminosos que regista a historia das civilisações e constitue o mais nobre pergaminho d'uma nação fidalga!

Merecida honra cabe a esta Real Associação pela sua iniciativa pugnando pela conservação fiel e pura dos monumentos que attestam as glorias da patria, despertando na consciencia publica a veneração devida a esses padrões do nosso esplendor passado; lição e estímulo do futuro!

Bem haja esta Associação pela perseverança, dedicação e zelo, nunca desmentido, com que tem proseguido n'essa cruzada santa, que tão sympathica se tornou ao paiz, honrando a memoria dos nossos grandes homens, promovendo a conservação dos monumentos que dão testemunho da sua grandeza, attestam o reconhecimento da patria e protestam contra aquelles que nos pretendem amesquinhar ou votar a um injusto esquecimento! . .

Multiplices e variados são os assumptos de que tratam as obras recebidas no periodo acima mencionado. Para fazer d'ellas uma apreciação conscienciosa, justa e lucida que dêsse aos nossos socios a medida exacta do interesse, valor e merito de cada uma, seria necessario dispor d'uma erudição muito superior aos nossos exiguos conhecimentos.

Temerario empenho seria, pois, tentar um trabalho ineficaz por incompatível com as nossas limitadas forças; restringimo-nos por isso a descrever no mappa junto a este modesto relatorio os titulos d'essas obras e nomes de seus auctores, na firme persuasão de que, na sua maioria, são conhecidas e devidamente apreciadas pelos nossos consocios, que pela sua reconhecida illustração e apêgo ao estudo, estão scientes e ao corrente do movimento scientifico, não ignorando nem desconhecendo as fontes mais auctorizadas que se offerecem á sua consulta.

Certo é, porém, que a seus auctores devemos louvores merecidos pela efficiente applicação, desenvolvimento e intelligencia com que têm concorrido para desinvolver, ampliar e diffundir os conhecimentos humanos, principalmente os de variados ramos de sciencia moderna, que, para estabelecer em bases solidas e positivas as suas theorias, demanda trabalho aturado, experiencia rigorosa, investigação assidua e observação attenta dos factos naturaes.

Toda a theoria que não concorde com a observação reflectida e experiencia severa, não pôde satisfazer nem ser acceita na actualidade como o seria outr'ora por Raymond Lulle, Van-Helmont ou por Anaxagoras, cuja imaginação o levava a afirmar ser negra a côr da neve!

Hoje não aceitamos idealismos, nem a illusão pela realidade, a apparencia pelo successo, as palavras pelas coisas.

Paulo Janet, philosopho distincto e insuspeito de parcialidade, confessa que, «o tempo das grandes construcções metaphysicas, parece ter passado». E passou...

Lavoisier, Gay-Lussac, Biot, Magendie e outras auctoridades, para attingir a verdade, consultaram os factos, não se deixando seduzir pela phantasia que os deturpa.

Essa philosophia especulativa que exerceu perniciosa influencia no methodo scientifico que mais directamente conduz o espirito ao descobrimento da verdade, perdeu o predomínio á proporção que as tendencias de investigação se desenvolviam, a sede

da verdade crescia, o saber progredia e a probidade se impunha.

A actividade infructifera da escolastica, que Helvetius comparou com propriedade, a «um diluvio de palavras sobre um deserto de ideias», resistiu algum tempo ao abalo dos profundos e certos golpes que lhe vibraram os dois fundadores da philosophia moderna: Bacon e Descartes; porém cahiu em derrocada perante a ridicula fatuidade da sua dialectica e a illustração d'este seculo.

A sciencia, antes de ascender as culminancias que hoje occupa, foi desprezada, desacreditada e combatida com tenacidade, principalmente durante o Renascimento, como perigosa e nociva á boa direcção do espirito humano!

Luctou contra a auctoridade pedantesca da Escola e a rancorosa e injusta perseguição d'aquelles a quem a Luz apavorava e as trevas convinham!

Triumphou finalmente d'essa lucta odiosa e crua, contando cada dia uma conquista, e por cada conquista um novo beneficio á humanidade! Beneficio que não se restringe aos progressos de ordem puramente physica, mas que abrange, e largamente, os de ordem moral, como Augusto Laugel o demonstrou.

O positivismo scientifico, estabelecido por Augusto Comte, na sua legitima e levantada aspiração a descobrir a verdade, concorre tanto para a moral austera e pura, como o positivismo utilitario para rebaixar, senão extinguir no homem as mais nobres e santas aspirações!

São pois benemeritos e bem dignos da nossa admiração, reconhecimento, respeito e louvores, aquelles que concorrem e os que têm concorrido para elevar a tão alto nivel os progressos scientificos, dissipar as trevas, e abrir á humanidade a senda luminosa da Verdade, da Razão e da Justiça!

Museu do Carmo, 11 de março de 1899.

O Conservador da Bibliotheca,
Visconde da Torre da Murta.

Mapa demonstrativo das publicações recebidas para a biblioteca da
Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes durante o anno de 1898
e designação das suas proveniências

Título das publicações	Numero de volumes N.º de folhetos e fasc.	Proveniências	Observações
Académie des Inscriptions et Belles Lettres. Comptes rendus des séances de l'année 1897	3	Da Academia	Bulletins de Janvier à Octobre
Annales de la Société des Sciences Naturelles de la Charente-Inferieur pour 1887.....	1	Off. do Ministerio de Inst. Pub. de França	Academia da Rochelle
Annual report of the Supervising Architect to the secretary of the treasury for the year ending, September, 30, 1896	1	Off. da Inspeção da Bibliotheca	
Annuario do Gremio Artistico, relativo a 1896-97..	1	Offerta do Gremio	
Archeologo (O) Portuguez.....	4	Do Museu Ethnologico	N.º 12, 97 e 1 a 11, 98
Archivio storico Siciliano — Pubblicazione periodica della Società Siciliana per la storia patria.	2	Da Sociedade	Fasciculos 1 a 4
Anthropometria no exercito, por Rocha Peixoto....	1	Offerta do auctor	
Antonio Cabrera (A.) Homenagens das cidades de Tavira e Faro e do Instituto 19 de Setembro, por Antonio Pena (filho)	1	Offerta do auctor	
Atti del Collegio degli Ingegneri e degli Architetti in Palermo.....	3	Offerta da Associação	Contém os fasciculos de jan.º a dez.º de 97
Atti del Collegio degli Architetti ed Ingegneri in Firenze	1	Idem	Fasciculo unico
Bibliotheca Nacional de Lisboa, por Gabriel Pereira.	1	Offerta do auctor	
Boletim da Associação dos Conductores de obras publicas	2	Offerta da Associação	4.º trimestre de 1897 e 1.º de 1898
Boletim da Camara do Commercio e Industria de Lisboa	2	Da Cam.º do Commercio	N.ºs 11 e 12 da 4.ª serie e 1 a 4 da 5.ª serie
Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes	6	Publ. da Associação	N.ºs 11 e 12 da 3.ª serie e 1 a 4, t. 2.º da 3.ª s.
Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa	4	Da Sociedade	N.ºs 3 a 9 da 16.ª serie
Boletim de la Comisión provincial de monumentos historicos y artisticos de Orense.....	1	Off. da Commissão	N.º 1, 1.º tomo
Boletim de la Real Academia de Ciencias y Artes de Barcelona.....	20	Offerta da Academia	Janeiro de 1892 a abril de 1898
Branco e Negro	14	Em troca do Bol. da A.º	N.ºs 91 a 104
Bulletin de la Société Archéologique du midi de la France.	1	Off. da Sociedade	
Busto de prata de Santa Engracia — Documentos com que a Junta de Parochia da freguezia de Santa Engracia de Lisboa prova que a propriedade ou guarda do referido busto lhe pertence ..	1	Off. da Junta de Paroc.	
Busto de prata de Santa Engracia — Refutação que a Irmandade do Santissimo Sacramento da Real freguezia de Santa Engracia de Lisboa, proprietaria do busto, faz ao folheto publicado pela Junta de Parochia.....	1	Offerta da Irmandade	
Cachettes de Fondeur, par Cazalis de Fondouce ...	1	Offerta do auctor	
Cadastro e a Propriedade predial — Relatorio annuado e offerecido á Commissão geral do cadastro, por F. A. da S. Ferrão	1	Offerta do sr. R. Dias	Trabalho apresentado em 1849
Camara Municipal de Lisboa — Serviço de Obras Publicas — Estatistica dos Trabalhos da Repartição de Viação, desde 1893 1896	1	Off. do sr. A. dos S.ºs	
Cartas sobre a epigraphia Romana, por Albano Bel-lino.....	1	Offerta do Auctor	
Castello (O) de S. Jorge, por Augusto Vieira da Silva.....	1	Idem	
	10	66	

Titulo das publicações	Numero de volumes	N.º de folhetos e fasc.	Proveniencias	Observações
Catalogos de diferentes livrarias	10	66		
Catalogos de varias livrarias nacionaes e estrangeiras.		56	Offerta do sr. R. Dias	
Centenario (O) no Estrangeiro — Conferencia realisada na Sociedade de Geographia de Lisboa, no dia 11 de novembro de 1897, por Magalhães Lima		14	De diferentes livrarias	
Chronica dos Reis de Bisnaga — Manuscripto inedito do seculo xvi publicado por David Lopes.....	1	1	Off. da Commissão do Centenario	
Collecção de decretos sobre consulta do Supremo Tribunal Administrativo	1		Idem	
Commemorazione del P. Luigi Maggio, per Giuseppe Lodi (2 marzo 1898).....	4		Offerta do sr. R. Dias	
Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados Jesuitas	1	1	Off. da Sociedade Sici- liana de hist. patria	
Compromisso da Misericordia de Lisboa (1818)	2		Offerta do sr. R. Dias	
Congrès archéologique et historique de Malines, 1897	1	1	Idem	
Conselheiro (O) José Silvestre Ribeiro — Exemplo de inteira dedicação á liberdade patria — Factos da historia nacional, por Eduardo A. da Rocha Dias	1		Offerta do auctor	
Constitucionalidade (Da) das expropriações por zonas, por Souza Queiroga (1881)	1	1	Offerta do sr. R. Dias	
Conta dirigida ao Ministerio do Reino pela segunda classe da Academia Real das Sciencias sobre o estado dos trabalhos relativos á publicação dos monumentos historicos de Portugal e sobre a suspensão d'elles.....	1	1	Idem	
Cousas da China — Costumes e crenças, por J. Heliodoro Callado Crespo	1		Off. da Commissão do Centenario da India	
Diario (Le) de Noticias — Fragments du livre «Eduardo Coelho — A sua vida e a sua obra» por Alfredo da Cunha	1	1	Off. da Administração do Diario de Noticias	
Descripção do projecto para o monumento destinado a perpetuar a memoria gloriosa de Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro IV, Duque de Bragança	1	1	Offerta do sr. R. Dias	
Dynastia (A) e a Revolução de Setembro.....	1		Idem	
Elementos para a historia do Municipio de Lisboa, por Eduardo Freire d'Oliveira.....	1		Off. do Municipio por pedido do sr. R. Dias	É o vol. 9.º da collecção
Ensaio (O) Carcerario e o Congresso Penitenciario Internacional de S. Petersburgo, por Ferreira Deusdado	1		Off. do sr. R. Dias	
Episodio do Gigante Adamastor — Estudo critico, por José Benoliel	1	1	Off. da Commissão do Centenario da India	
Epopéa (A) das Navegações Portuguezas — Estrophes por Xavier da Cunha	1	1	Idem	
Estatistica do Pariato Portuguez desde a sua fundação até 31 de dezembro de 1886	1	1	Off. do sr. R. Dias	
Estudos Criticos das Epochas do Serviço Postal na India Portugueza, por Philotheio Pereira d'Andrade	1	1	Offerta do auctor	
Estudos historicos sobre a pintura por Maximiano de Aragão	1		Offerta do auctor	
Exposição Universal de 1900 — Disposições do regimento geral, I e II	1	2		
Feitos (Dos) de D. Christovão da Gama — Tratado composto por Miguel de Castanhoso, publicado por Francisco Maria Esteves Pereira.....	1		Off. da Commissão do Centenario da India	
	25	149		

Título das publicações	Numero de volumes	N.º de folhetos e fasc.	Proveniencias	Observações
Flora de Goa e Savantvadi — Catalogo methodico das plantas medicinaes, alimenticias e industriaes pelo Dr. D. G. Delgado	25	149	Off. da Commissão do Centenario da India	
Fundão (O) por José Germano da Cunha.	1	1	Offerta do auctor	
Gremio Artistico — Exposição extraordinaria de 1898		1	Offerta do Gremio	
Guia do Forasteiro nas festas de Santo Antonio, 1195-1895	1		Offerta do sr. R. Dias	
Historia dos portuguezes no Malabar, por Zinadim[. Hygiene da Habitação, por J. Lino de Carvalho . . .	1	1	Off. da Com. do Cent.º	
Imprensa em Portugal nos seculos XV e XVI — As ordenações de El-Rei D. Manuel, por Brito Aranha		1	Offerta do auctor	
Ingenieria — Organo official del Centro Nacional de Ingenieros		3	Off. da Commissão do Centenario da India	
Ingeniero — Revista mensual do ciencias fisicas y naturales — Organo del Colegio de Ingenieros de Venezuela		3	Offerta do centro	São os n.ºs 14, 15 e 16
Instituto (O) de Agronomia e Veterinaria na Exposição de Alfaia Agricola na Real Tapada da Ajuda em 1898		5	Off. do collegio dos Ingenheiros de Venes.	São os n.ºs 1 a 9
Jornal Unico — Celebração do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India por Vasco da Gama		1	Off. da Commissão do Centenario da India	
Journal of the Royal Institute of British Architects	1	1	Off. do sr. Governador de Macau	
Kongl. — Vitterhets historie och antiqvitets akademis Monadsblad		1	Off. do sr. Conde de S. Januario	Contem os n.ºs 1 a 5
Lexicon Manuale Græco — Latinum	1	1	Da A. R. de B. Lettras, Hist. de Stockholm	
Lições de Numismatica, por Leite e Vasconcellos . .	1	1	Offerta do sr. R. Dias	
Lindo (O) Sitio de Carnide, por Gabriel Pereira . .		1	Off. da Bibl. de Lisboa	
Lux et Umbra, sonetos camoneanos, por Oliveira Passos, com preambulo do Dr. Alves Mendes . . .		1	Offerta do auctor	
Lyra de Camões, por Oliveira Passos		1	Offerta do auctor	
Lyricas de Luiz de Camões, com traducções francezas e castelhanas de José Bénoliel	1		Idem	
Manual de Legislação usual para uso da Camara dos Dignos Pares do Reino	3		Off. da Commissão do Centenario da India	
Mémoires de la Société d'Histoire, d'Archéologie et Littérature de l'arrondissement de Beaume	2		Offerta do sr. R. Dias	Annos de 1891-1893
Mémoire descriptive du project d'une restauration pour l'église monumentale de Belem á Lisbonne bâti en 1500 en souvenir de la découverte de l'Inde par les navigateurs portugais. — Modèle fait pour l'exposition de Paris en 1867 d'après les dessins de l'architecte de S. M. le roi de Portugal, le chevalier J. da Silva		1	Off. do M. da Inst. Pub. de França	Annos de 1893-1896
Mémoire sur la Bienfaisance Publique en Portugal .	1		Offerta do sr. R. Dias	
Mémoire sur le Conservatoire Royal de Lisbonne . .	1		Idem	
Mémoire sur le Cours Supérieur de Lettres á Lisbonne	1		Idem	
Mémoire sur l'École Medico-Chirurgicale de Lisbonne	1		Idem	Exp. de Paris de 1878
Mémoire sur l'Ecole Navale de Lisbonne	1		Idem	
Mémoire sur l'Institut Industriel de Lisbonne . . .	1		Idem	Exp. de Paris de 1878
Mémoire sur l'Instruction primaire en Portugal . .	1		Idem	Exp. de Paris de 1878
Mémoire sur l'Instruction secondaire en Portugal . .	1		Idem	" " "
In Memoriam — 1394 - 1894	1		Off. do sr. Oliv. Passos	
	37	177		

Título das publicações	Numero de volumes	N.º de folhetos e fasc.	Proveniências	Observações
Memorias ácerca do regimen do Tejo e outros rios apresentados ao Ministerio de Obras Publicas nos annos de 1867 e 1872 pelo engenheiro Bento Furtado de Moura d'Almeida d'Eça	37	177	1 Offerta do sr. R. Dias	
Museu (O) do Porto, por Rocha Peixoto		1	1 Offerta do auctor	
Natureza (La) — Revista illustrada de Madrid		5	5 Da redacção	N.ºs 12, 21, 22, 23 e 32
Nacional (The) printing office at Lisbon, an historical and statistical notice with catalogue of the products exhibited		1	1 Offerta do sr. R. Dias	Exposição de Philadelphiá de 1876
Notice Abrégée de la Real Casa Pia de Lisboa		1	1 Idem	
Notice Historique sur l'Université de Coimbre	1		1 Idem	
Noticia biographica do Padre Joaquim J. da Rocha Espanca, por J. Leite de Vasconcellos		1	1 Offerta do auctor	
Numismatica da India Portugueza — Estudos de José Maria do Carmo Nazareth	1		Idem	
No Oriente — De Napoles á China por Adolpho Loureiro	2		Off. da Commissão do Centenario da India	
Padre André Gomes, por Philotheio Pereira d'Andrade		1	1 Offerta do Auctor	
Paginas de Pedra da India Portugueza, por Philotheio Pereira d'Andrade		1	1 Idem	
Pintura simples, por Francisco Liberato Telles de Castro e Silva	1		Idem	
Portugal (De) a Calecut — Monographia historico-critica do descobrimento do caminho maritimo da India, por A. E. de Freitas Cavalleiro e Sousa 1497 a 1499	1		Idem	
Presse (La) Periodique en Portugal — Bref - Mémoire présenté au 5 ^{ème} Congrès international de la Presse à Lisbonne		1	1 Off. da Administração do Diario de Noticias	
Rainhas de Portugal — Estudo historico por Francisco da Fonseca Benevides	2		Offerta do auctor	
Real Observatorio Astronomico de Lisboa — Noticia historica e descriptiva por José Silvestre Ribeiro		1	1 Offerta do sr. R. Dias	
Real (O) Theatro de S. Carlos de Lisboa, por Francisco da Fonseca Benevides	1		Offerta do auctor	
Relatorio da Administração da Real Casa Pia de Lisboa		1	1 Offerta do sr. R. Dias	
Relatorio da Direcção e parecer do Conselho fiscal da Sociedade protectora das cozinhas economicas de Lisboa — Gerencia de 1897		1	1 Da Direcção das Cozinhas	
Relatorio da Exposição Industrial de Guimarães em 1884	1		Offerta do sr. R. Dias	
Relatorio e Contas da Camara do Commercio e Industria de Lisboa — Gerencia de 1897		1	1 Da Camara do commercio	
Reorganisação e regulamento das escolas industriaes e de desenho industrial e elementares de commercio approvados por decreto de 14 de Dezembro de 1897		1	1 Off. do M. das Obras Publicas	
Resoluções do Conselho de Estado na secção do contencioso administrativo colligidas e explicadas por José Silvestre Ribeiro	18		Offerta do sr. R. Dias	
Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro		1	1 Offerta da Sociedade	1.º do tomo XII annos de 1896 - 1897
Revista de Guimarães		2	2 Off. do sr. M. Sarmiento	N.ºs 2 e 3 Ab. e Jul. 98
Revista de la Asociacion Artistico — Arqueológica Barcelonesa		4	4 Off. da Associação	Numeros 6 a 11
	65	202		

Título das publicações	Número de volumes	N.º de folhetos e fasc.	Proveniências	Observações
Revista de la Sociedad Central de Architectos.....	63	202	9 Offerta da Sociedade	Numeros 3 a 11
Revista de Obras Publicas e Minas.....		3	Off. da A. Eng. Civis	Numeros 333 a 343
Revista Ibero-Americana		8	Offerta da Sociedade	Numeros 148 a 156
Revista de sciencias naturaes e sociaes.....		2	Offerta da redacção	Numeros 18, 19 e 20
Salvemos a Patria, por Decio Carneiro.....		1	Offerta do auctor	
Sapientia (De) - Oratiuncula Quædam por Emmanuel Joseph Martins Capella.....		1	Idem	Dois exemplares
Santos (Os) Martyres de Cuncolim, por Philotheo Pereira d'Andrade.....		1	Idem	
Smithsonian Institution - Annual Report for the year 1879 - 1884 - 1880....	1		Offerta da Associação	
Smithsonian Institution - Government Printing office 1880 - 1881 - 1883.....	3		Idem	
Sociedade (A) Carlos Ribeiro - Noticia historica por Rocha Peixoto		1	Offerta do auctor	
Société Archéologique de Bordeaux.....	3		Do M. da I. P. de Fran.	Fasc. 1 a 4 do T. XXI
Tables pour calculer les flèches des poutres droites metalliques, par Augusto Pinto de Miranda Montenegro		1	Offerta do auctor	
Telas e Esculturas da Cidade de Goa - Memoria historico - archeologica por Luiz Gonçalves		1	Idem	
Textos da Aljama Portugueza, por David Lopes. .	1		Da Com. do Centenario	
Trafico d'Exportação		5	Offerta da redacção	Numeros 6, 9 a 14
Vasco da Gama e a Vidigueira - Estudo historico por A. C. Teixeira d'Aragão.	1		Off. da commissão do Centenario da India	
Vasco da Gama - Poemeto por José Bénoliel.....		1	Idem	
Viagem (A) á India - Poemeto em dois cantos por Fernandes Costa.....		1	Idem	
Viagens ás terras Goyanas - Brazil central,.....	1		Offerta do sr. R. Dias	
Visitas á Exposição de 1863, por Joaquim Henriques Fradesso da Silveira	2		Idem	
	77	239		

Noticia sobre a

IGREJA DO REAL COLLEGIO DOS JESUITAS

em Angra do Heroismo

ILHA TERCEIRA DOS AÇORES

Haviam decorrido trinta annos depois da fundação da ordem ou Sociedade de Jesus, quando no 1.º de junho de 1570 aportaram a Angra, Ilha Terceira, n'esse tempo a Capital do Archipelago dos Açores, doze padres jesuitas, que, por vontade e ordem de El-Rei D. Sebastião, vieram para esta cidade com o fim de n'ella se estabelecer um Collegio, e mais tarde dois outros, um na Ilha de S. Miguel e outro na do Fayal.

Na qualidade de reitor veio o padre Luiz de Vasconcellos, neto do Conde de Penella, e dos onze companheiros restantes dois eram prégadores, dois mestres de latim e de philosophia, e os demais na qualidade de estudantes e serviços do futuro Collegio.

Dirigia então a Diocese D. Nuno Alvares Pereira, 5.º Bispo, que d'ella havia tomado posse em 1568. Este prelado recebeu os novos religiosos com extraordinario jubilo, e parece que no dia do seu desembarque elle exclamou: — Agora me vem todo o meu descanso. —

Não foi somente o Bispo D. Nuno quem acolheu com satisfação a chegada dos religiosos jesuitas; o Senado, o Capitão Mór, e em geral toda a população demonstraram summa alegria aos recémchegados, e d'entre os fidalgos se distinguio um por nome João da Silva Canto, que desde logo offere-

ceu uma grande casa com sua Ermida para residência dos padres jesuitas.

Foi n'este edificio que se organisou o primeiro hospicio, cujo orago era o da já existente ermida de Nossa Senhora das Neves; e n'este local e residência habitaram os primeiros padres jesuitas até que deliberaram fundar o seu collegio, o qual tomou o nome de *Real Collegio da Companhia de Jesus*, denominação esta que lhe foi imposta por ter sido El-Rei D. Sebastião o seu fundador, o qual, além da verba de 600\$000 réis com que dotou o referido Collegio, também lhe offereceu o seu retrato, que, segundo afirma o Visconde de Almeida Garrett em uma nota do seu drama «Frei Luiz de Souza», *é este retrato o mais proprio e mais natural e talvez o mais exacto que se julga haver.* (Na *Revista Universal Lisbonense*, n.º 9 de 21 d'agosto de 1845, encontra-se uma noticia assaz desenvolvida ácerca d'este retrato, devida á penna de um talentoso Terceirense, Felix José da Costa.)

Durante muitos annos e ainda depois da expulsão dos padres jesuitas esteve este retrato collocado em sala especial situada por cima da portaria da egreja do collegio, a qual por este motivo era conhecida pelo nome de *Regia Sala de El-Rei D. Sebastião*.

Decretada que foi a fundação do collegio e da Igreja dos jesuitas por Carta-Regia datada de Almeirim aos 20 de março de 1572, logo principiaram os trabalhos, sendo em primeiro logar os do edificio do collegio, e em 16 de fevereiro de 1608, isto é, 38 annos depois da chegada a Angra dos primeiros padres da Companhia, elles se recolheram ao seu novo aposento, para desde logo começar a tratar com extraordinaria grandeza da magnifica fabrica da sumptuosa e vasta igreja, de cuja descripção vamos occupar-nos.

Foi encarregado do plano e direcção das obras o padre Bento Tinoco, filho do Architecto Mór do Reino, sujeitando os seus trabalhos ás regras seguidas nas igrejas modelos da Companhia de Jesus, a de S. Roque em Lisboa, e a da Sé Nova em Coimbra, que só differe da de Angra em ser um pouco maior.

As obras da construcção da nova igreja prolongaram-se por espaço de quinze annos, e em 1652 já n'ella foi recolhido o Santíssimo Sacramento, que até esta data se achava no primeiro hospicio de Nossa Senhora das Neves, primitivo collegio dos jesuitas em Angra.

Em 1658 deram-se por concluidas todas as obras de ornato, douradura, collocação de retabulos e de quadros a oleo que se encontram n'este esplendido templo.

O frontespicio da igreja dos jesuitas em Angra não prima pela belleza da sua architectura.

A não ser a existencia das duas sineiras collocadas na sua parte superior, poder-se-hia tomar este edificio por um estabelecimento de qualquer outra natureza.

Na parte inferior d'este frontespicio, cujo comprimento é de 24^m,50 e a altura de 28^m,75, veem-se tres grandes portadas, sendo a do meio maior que as duas lateraes.

Por sobre estas portadas correm duas ordens de janellas de varios feitios, e na parte superior um terraço que abrange todo o comprimento do edificio. N'este terraço está hoje collocado o Posto Meteorologico d'Angra do Heroismo.

O que ainda concorre para tornar este edificio de natureza suspeita é a ausencia da cruz; mas esta circumstancia dava-se com as demais igrejas dos jesuitas para assim se distinguirem, pretendendo fundar uma religião sua, na religião catholica romana.

Transpondo-se a porta principal, que é resguardada por um grande guarda vento e por cima do qual existe um largo e vasto coreto, penetra-se no vasto recinto da egreja, que pôde comportar duas mil pessoas. De uma só nave o seu tecto abobadado é forrado de madeira de cedro, primorosamente esculpido, á excepção da capella mór, cujo tecto é de abobada de pedra.

O interior d'este templo tem a fôrma adoptada pelos jesuitas na construcção das suas egrejas: a fôrma de uma cruz.

De cada lado do corpo da igreja existem tres capellas fundas, resguardadas por gradeamentos de jacarandá. Por cima de todas estas capellas, de um e outro lado, correm galerias, que para o interior do templo deitam grandes janellas ou tribunas, e era n'estas galerias e suas tribunas que no tempo dos jesuitas a nobreza da cidade vinha assistir á celebração das cerimonias religiosas.

A capella mór, cuja grandeza está em relação com a do templo, apresenta ao fundo um vasto camarim por cima do qual ha um bello quadro a oleo, de fôrma circular, representando a Assumpção da Virgem. De cada lado d'este camarim e sobrepostos dois a dois estão quatro nichos de columnas canelladas e doiradas, onde em primitivo tempo estavam collocadas as imagens de Santo Ignacio de Loyola, orago da egreja e do collegio, a de S. Francisco de Borja, a de S. Francisco Xavier, e a de Santa Thereza; na actualidade, porém, apenas nos dois nichos inferiores se veem as imagens de Santo Ignacio de Loyola e a de S. Simão Stock.

As paredes lateraes d'esta capella são ornadas por grandes quadros a oleo allusivos á passagem da vida de Ignacio de Loyola, mas que não têm merito artistico.

Por cima d'estes quadros ha de cada lado uma janella ou tribuna, onde os antigos capitães generaes. que então habitavam no collegio, iam assistir ao officio da missa, e onde tambem se viu S. Magestade Imperial D. Pedro IV, quando esteve em Angra no anno de 1832.

Por cima do grande arco que dá entrada para a capella mór estão as armas reaes com o escudo usado no tempo d'El-Rei D. Sebastião e ainda por cima d'ellas se depára com o emblema da ordem de Jesus — J. H. S.

Encerra esta igreja onze capellas ou altares, sendo seis fundas, e as outras cinco collocadas duas de cada lado da capella mór, e outra na extremidade direita da parte transversal do cruzeiro, vis-à-vis da grande portada que dá entrada para uma vasta ante-sachristia.

Do lado do evangelho e começando do portico, a 1.^a capella é a do Senhor Jesus Crucificado, admiravel imagem, de grandeza natural, que surpreheende pela exactidão e belleza da esculptura. Por baixo d'esta imagem está a do Senhor Morto, encerrada em um sepulchro dourado. Os lados d'esta capella são ornados por dois grandes quadros a oleo, representando a Paixão de Christo.

A 2.^a capella é a de S. Francisco Xavier, imagem de muito merito artistico. Os lados d'esta capella apresentam um bonito trabalho de madeira em embutidos até á metade da altura, sendo a outra metade superior guarnecida por dois bons quadros a oleo representando, um o Apostolo das Indias convertendo dois pagãos, e o outro o desembarque do mesmo Apostolo depois da grande tormenta, em que o navio que o transportava esteve prestes a perder-se.

A 3.^a capella é a de Santa Thereza. N'esta capella ha quatro nichos dourados, nos quaes estavam em outro tempo as imagens de Santa Thereza, de S. Francisco d'Assis e de mais outros dois Santos; hoje, porém, é destinada á imagem de S. João Baptista Machado, jesuita natural d'esta cidade e que ha poucos annos foi canonisado Santo.

Do lado da epistola e contando ainda da entrada da igreja, a 1.^a capella é da invocação de Nossa Senhora da Conceição, bella imagem collocada no meio de um retabulo de cedro, primorosamente esculpido, que bom foi que escapasse á pintura, porque certamente o seu valor artistico diminuiria. Nos dois lados d'esta capella vêem-se dois grandes quadros a oleo representando o Nascimento de Christo e a Epiphania.

A 2.^a capella, que no tempo dos jesuitas era da invocação de Nossa Senhora da Pureza, pertence hoje á confraria de Santa Cruz e Passos, que n'ella collocou a imagem do Senhor Jesus dos Passos,

que outr'ora pertencia ao Convento da Graça d'esta cidade.

A 3.^a capella é da invocação de Santo André e S. Pedro, onde estes dois Santos estão representados em bello quadro que constitue o fundo da capella. Nos dois lados ha dois esplendidos quadros a oleo, representando, um a appareição do anjo a S. Pedro, quando estava no carcere, e o outro S. Jeronymo com um leão ao lado.

Esta capella encerra o que ha de melhor em quadros n'esta igreja, e foi sómente n'elles que se poudo encontrar o nome do pintor, que os executou: chamava-se elle *Bento Coelho*. Será este Coelho o celebre pintor portuguez que pintou quatro quadros que outr'ora existiram no Convento de S. Bento em Lisboa e que hoje se acham na Academia da mesma cidade? É certo que as télas que se encontram na ultima capella descripta, assim como as duas que guarnecem a capella de S. Francisco Xavier e que parecem ser devidas ao mesmo pincel, são admiraveis pela execução e colorido.

Além das seis capellas já enunciadas e descriptas, contam-se ainda mais cinco capellas, situadas na parte transversal do cruzeiro. Uma é collocada em frente da entrada da ante-sachristia e denomina-se da Assumpção de Nossa Senhora: é n'esta capella ou altar que existe um bonito sepulchro contendo a imagem da Senhora da Boa Morte, já de grande devoção no tempo dos jesuitas.

Contigua a esta está a capella de Nossa Senhora da Consolação, pouco funda e toda dourada, e que é destinada para deposito do Sacratio com o Santissimo Sacramento nos dias de festividades.

Ao lado da capella-mór, do lado da epistola e voltada para o corpo da Egreja vê-se uma outra capella consagrada á Senhora do Soccorro, representada por uma pequena, mas bonita, imagem de jaspe. O retabulo é todo composto de pequenos nichos, nos quaes se encontram varias reliquias.

Do lado do evangelho e junto á capella-mór ha outra capella igual á do lado da epistola, e n'ella se admira uma magestosa imagem de Jesus Crucificado, que é um verdadeiro modelo de esculptura. Nos lados d'esta bella imagem ha nichos com reliquias.

Finalmente segue-se outra capella contigua á entrada da ante-sachristia, e que é da invocação de S. Pedro e S. Paulo.

Os arcos d'estas quatro capellas, o da capella-mór e columnas que o sustentam, bem como a cimalha de todo este lado da igreja, apresentam um genero especial de douradura, a *douradura sobre pedra*, e que está em perfeito estado de conservação. D'este genero de douradura falla Vilhena Barbosa que diz existir sómente em mais duas igrejas de Portugal.

Este mesmo trabalho de douradura estava em principio de execução no arco da capella de S. Francisco Xavier quando os jesuitas deixaram Angra, e é para lamentar que não ficasse concluido, porque excedia em perfeição o já descripto.

É tambem para sentir que, nem nos archivos publicos nem nos monumentos que se referem á fundação da Igreja e Collegio dos Jesuitas em Angra, se depare com quaesquer esclarecimentos, que nos podessem guiar em outras investigações, que por ventura aproveitariam para a completa descripção da primeira igreja que a Companhia de Jesus edificou nos Açores.

A imperfeição d'esta noticia implora a benevolencia que lhe é devida, attendendo ao nome de quem a traçou.

Angra do Heroismo, 6 de fevereiro de 1899.

Dr. José Augusto Nogueira Sampaio

Dadivas do almirante D. Vasco á egreja de Juromenha

N'um livro de visitasões da Ordem de Aviz á egreja de Juromenha, ao descrever as alfaías e ornamentos da egreja, encontram-se enumerados os seguintes objectos:

«E achamos na dita igreja huñ caliz dourado com sua patana que deu ho almyrante, novo, que pesa dous marcos.»

«Achamos na igreja hua vyltimêta de tafeta catasoll com o sauastro de çalim azull com as armas do almyrante, que a deu, e com hus laços douro no sauastro e franjada de retos de cores, com sua alua e regaços e boçaes de veludo carmezim.»

«Outra vyltimêta de chamalote preto, nova, com o sauastro de damasco brãco com as armas do almyrante, que a deu, franjada de retos de cores, com alva e duas almatigas do mesmo teor com suas alvas e cordões.»

Esta visitação realisou-se a 8 de junho de 1516 e vem descripta, com outras effectuadas pela mesma epoca, ás egrejas de Elvas e Alandroal, n'um livro que pertenceu á mesma Ordem e que se conserva hoje na Torre do Tombo.

Se algum d'estes objectos existisse na egreja de Juromenha, seria possível verificar-se quem foi o almirante que fez offerta d'estes objectos, suppondo nós com algum fundamento que teria sido D. Vasco da Gama. Dá-se além d'isso a circumstancia de no mesmo inventario se mencionarem vestimentas feitas

de pannos da India, sem todavia se indicar a sua procedencia.

Dos livros antigos da egreja — se acaso ainda se conservam — se poderiam tirar informações, que nos illucidassem a tal respeito.

Como quer que seja, crêmos que se ganha alguma cousa em publicar as verbas que acima inserimos, porque a todo o tempo podem servir de base e de guia a novas indagações.

No que porém não pode haver a menor duvida é no locante a uma verba que encontramos a fls. 23 do *Livro de receita e despeza de Heytor Nunes, thesoureiro da Casa da India*, relativo ao anno de 1515, manuscripto que se guarda na Torre do Tombo, Armario 26 do Interior da Casa da Coroa.

Esta verba refere-se ao pagamento ao almirante D. Vasco de 397:478 reaes em cumprimento ou saldo de 1.408:800 reaes por duzentos quintaes de pimenta, que lhe vieram, de sua doação, na nau *Santiago*.

Eis a verba textual:

«Item — Pagou ao almirãte dom Vasco trezentos e noventa e sete mil III^l° lxx biiij rs. em *compimento* de 1 q.^{to} (um conto) III^l° biiij biiij° rs. que lhe montou pellos 1^o quintaes de pymenta que lhe vierã nesta naao de sua doaçam.»

SOUSA VITERBO

Os artistas da Batalha e o infante D. Pedro

O nome de Pedro, na familia real portugueza, tem o que quer que seja de fatal presagio. Duas das mais dolorosas tradições da nossa historia andam inseparavelmente ligadas áquelle nome. Com o filho de D. Affonso IV dá-se a tragedia amorosa, o episodio mais violento da vida sentimental portugueza — a morte de D. Inez de Castro. Com o filho de D. João I, a tragedia politica, a scena do sacrificio cavalheiroso — a morte dos dois amigos, que fazem jura sagrada de não sobreviverem ao seu desbarate e ao seu infortunio.

Na dynastia de Bragança observa-se ainda approximadamente o mesmo phenomeno, com a differença, porém, de que os triumphadores é que teem o nome de Pedro. Pedro II arrebatou a corôa e a mulher ao desditoso irmão e Pedro IV impõe em Evoramonte as condições da abdicação e do exilio a D. Miguel. Só D. Pedro V symbolisa, na phantasia popular, a morte mysteriosa dos reis que são amados pela multidão.

A batalha de Alfarrobeira, pelas intrigas que a precederam, pelas circumstancias que a revestiram, pela rapidez do desenlace, pela fatalidade que acompanhou os vencidos, pela abnegação e valentia de que estes deram provas e finalmente pela crueldade com que, sem contemplação pela desgraça, ainda depois da morte foram perseguidos, é uma das paginas mais pungentes e lancinantes das nossas luctas civis, e o historiador que tiver de fazer a sua narrativa ha de molhar ao mesmo tempo a sua penna nas lagrimas da tristeza e da orphandade e no fel da indignação.

A vingança não se limitava ao campo de batalha, nem a justiça de el-rei se satisfazia com as cutiladas mortaes nos corpos dos seus inimigos. Os cadaveres eram o repasto das feras. Depois dos corpos, os haveres. Não bastava o sacrificio das vidas. Os bens dos rebeldes eram a paga dos que seguiram, fieis ou submissos, a bandeira da corôa. Os homisiados, os que andavam foragidos pelos seus crimes, acolhiam-se então ás hostes reaes e, além do perdão, recebiam o premio do esbulho. Na chancellaria de D. Affonso V acham-se registadas centenas de cartas repartindo pelos privilegiados da fortuna as propriedades dos que tiveram a desdita de ficar vencidos.

Por essas cartas, e por outras de perdão, poder-se hia formar o cadastro quasi completo dos partidarios do infante D. Pedro e dos que o acompanharam na desastrosa jornada. Entre elles contava-se grande numero, não só de operarios, mas dos mestres que trabalhavam nas obras do mosteiro da Batalha. A maior parte seguiu a sorte do infante, mas houve tambem quem se mostrasse favoravel a el-rei. Estes incidentes da lucta passaram até agora completamente ignorados, mas parece-nos não só curioso, mas até de vantagem, trazel-os á luz da publicidade. E' o que faremos, apontando o nome d'aquelles, de que encontrámos rasto nos documentos officiaes.

Principiaremos por Fernão d'Evora, um dos mestres ou architectos do monumental edificio. Em carta de 10 de dezembro de 1450, passada em Santarem, lhe fez mercê D. Affonso V dos bens moveis e de raiz, de Pero Annes, carnicheiro, e João Lourenço da Fanqueira, moradores no mosteiro de Santa Maria da Victoria, *por terem estado na batalha de Alfarrobeira contra a pessoa e real estado d'el-rei.*

Um filho de mestre Conrate, que parece ter sido um dos architectos, por nome Rodrigo, perdeu os seus bens por ser com o infante D. Pedro na batalha. Em carta da data acima mencionada el-rei restituiu-os a sua mãe Branca Annes.

João Rodrigues era mestre vidreiro da Batalha, e tinha por ajudante e companheiro um Gonçalo Annes, natural de Elvas, bom official. Um e outro

parece que vieram servir el-rei na guerra contra o infante. O documento não é bastante explicito com relação aos dous, mas pelo que respeita ao Annes não ha n'isso duvida. Este concertara-se com o carcereiro da cadeia da côrte para vigiar os presos, mas deixara fugir dous, pelo que se homisiou. D. Affonso V lhe perdoou, em carta de 3 de fevereiro de 1455, a pedido de João Rodrigues, que expoz ter necessidade d'elle para o coadjuvar nos seus trabalhos.

Fernão Pires era mestre de carpintaria do mosteiro. Seguiu as partes de D. Pedro. Foi lhe passada carta de perdão a 2 de abril de 1450.

Outro artifice do mesmo nome trabalhava alli, mas era simples pedreiro. Commetteu o mesmo crime, sendo-lhe passada carta de perdão a 14 de novembro de 1450.

Gil Eannes era imaginador ou escultor, como hoje se diria. Bom artista, *muito pertencente* para lavar nas obras do seu officio. Acompanhou o infante D. Pedro, mas forçadamente, segundo affirmava. D. Affonso V lhe perdoou em carta passada em Santarem a 11 de janeiro de 1451.

Em seguida a esta carta acha-se registada outra, muito abreviadamente, em nome de Gonçalo Eanes, pedreiro. E' de 18 de novembro de 1450. Passada igualmente em Santarem.

Quem visitar o grandioso monumento commemorativo do mais pujante feito d'armas praticado pelo heroismo portuguez em prol da independencia da patria, pense por um momento sequer que aquellas pedras recordam tambem uma das mais tristes paginas da historia das nossas dissensões civis.

A memoria de D. João I não surge unicamente radiante no seu nimbo de gloria. Se vênos perpassar, ao fundo da nossa imaginação visionaria, a ala dos namorados, é justo que evoquemos saudosamente os nomes dos artistas que traçaram e ergueram aquella maravilha, alguns dos quaes foram victimas das intrigas e das paixões politicas. A Batalha é, portanto, o gigantesco padrão do heroismo e do martyrio; um livro de heraldica, onde reluzem os brazões dos paladinos de Aljubarrota e de Ceuta, e um livro de lamentações, onde eccoam os ais dos que exalaram o ultimo suspiro nos infamosos plainos da Alfarrobeira.

SOUSA VITERBO.

Uma obra de POSSIDONIO DA SILVA

Folheando ha tempos o *Diario do Governo* de 1837, indagando qualquer cousa bem diversa de arte ou de archeologia, topámos um artigo descriptivo

de uma das primeiras obras do nosso inolvidavel antigo presidente, Possidonio da Silva.

Causou-nos impressão agradável a leitura do artigo, de que nunca ouvimos fallar, ali esquecido na folha official, que então, á imitação do *Moniteur*, admittia artigos de variedades depois da secção official; e pareceu-nos bem archivar-o no nosso *Boletim*.

G. PEREIRA.

ARCHITECTURA

Em a noite de 10 do corrente foi exposta aos socios da Assembléa Lisbonense a bellissima sala que a mesma Assembléa mandou preparar ultimamente para seus bailes. A obra havia sido confiada ao sr. Silva, architecto civil já de sobejo conhecido por outras obras de grande merito. Não precisava pois este habil artista de obter um novo triumpho para deixar confundidos os seus detractores; mas se o precisasse, le-lo-hia mui completo na primorosa obra de que tratamos.

E' certo que os seus inimigos, levados não de uma emulação racional, mas de uma paixão vil, a que não abriremos nome, teem procurado abater-lhe o merecimento, notando-lhe defeitos em duas obras por elle dirigidas, como se o proprio auctor os desconhecesse, e como se taes defeitos fossem superaveis em vista de duas contrariedades tão poderosas — a estreiteza do tempo e o defeito dos locais. Dir-se-ha talvez que o salão da Camara dos Deputados podia ser mais perfeito, e que a tribuna do theatro de S. Carlos podia ser mais elegante. Assim o concedemos de barato. Mas pedimos a quem faz este reparo que advirta em que a primeira obra teve de ser feita em 55 dias improrogaveis; e que o artista foi obrigado a concluir em 15 a segunda.

Note-se depois a differença que vai d'uma construcção nova, em que o architecto gosa de plena liberdade, á emenda, ou reforma d'uma construcção velha, quando essa reforma não pode ser radical em toda a força da expressão; e ver-se-ha que as arguições feitas ao sr. Silva pelo empirismo insufficiente, mas atrevido e presumpçoso, carecem de fundamento justo, e como taes devem ser votadas ao mais completo despreso.

Cumpre-nos todavia declarar que das obras do sr. Silva nenhuma nos agrada tanto como a sala de baile da Assembléa Lisbonense. Parece que nesta obra se quiz elle abalisar sobre o desenho que havia offerecido, sabindo as mais das vezes do commum, sem comtudo fallar ás regras da arte, que soube guardar rigorosamente.

Muito sentimos não poder dar em materia, que

nos é tão estranha, uma informação exacta das difficuldades que o artista venceu e das bellezas que creou. Cumpriremos porém o nosso dever, offerecendo aqui uma idéa succinta da sua obra, e pedindo-lhe que praticamente vá mostrando aos estrangeiros que a arte de construir não se acha entre nós tão atrozada como elles supõem.

Nem se creia que o architecto procurou auxiliar-se de operarios estrangeiros; todos os que empregou n'esta delicadissima obra são portuguezes, a quem tem educado com grande custo, obrigando-os a largar os erros que tinham contrahido, e estimulando os a observar com fructo os dictames da boa escola que hoje seguem.

A primeira difficuldade que se apresentou ao sr. Silva era a de demolir uma parede divisoria que ligava duas paredes mestras, a fim de fazer de duas salas uma, sem comtudo poder dar-lhe maior pé direito nem largura; receiando-se por isso geralmente que a sala ficasse estreita. Esta difficuldade venceu o architecto, empregando nas ordens e seus adornos proporções esguias no genero dos arabescos, e usando em tudo do relevo.

A sala é da feição d'um parallelogrammo rectangulo. A relação dos seus lados está na proporção de tres para um. Tem vinte e seis meias columnas prateadas da ordem composita no gosto dos arabescos; o fundo das estrias é carmezim. Os capiteis da dita ordem são inspirados pela ordem interior do Pantheon d'Agrippa.

Em um extremo da sala avulta um arco mui elegante, sustido por quatro columnas jonicas isoladas, as quaes sustentam no seu entablamento a archivolta do arco; d'ahi vem que a sua fórma, além de não ser pesada, está em harmonia perfeita com as proporções e adornos da sala; a cornija da ordem nobre tem por guarnição os competentes medalhões dourados.

A sala tem seis janellas de sacada; os alizares são feitos de meias columnas.

Fronteiros ás janellas acham-se quatro espelhos para dar maior largura apparente á sala, e duas portas de gosto inteiramente novo, guarnecidas de estrias douradas, para obter-se a necessaria harmonia com as columnas.

No outro extremo da sala acha-se collocado o coreto da musica, construido debaixo dos principios da acustica; tem timpano, e a novidade da formosa combinação da têa, que serve de balaustrada; por este modo fugiu o artista de dar ao coreto o caracter ou aspecto (improprio para tal lugar) dos côros das igrejas.

A sala immediata ao arco, imperfeita e irregular no seu principio, tornou-se airosa e regular, sendo estucada e guarnecida por modo perfeitamente novo.

Ha outra sala junta ao coreto inspirada pelos bellos etruscos, e regular em tudo.

As paredes da sala de baile, estucadas com o maior esmero, tem uma côr lisa bem acertada, é igual á côr que se deu á sanca, o que faz com que a vista se illuda, tanto a respeito do pé direito como da largura da sala.

Tendo assim dado uma noção, posto que muito imperfeita, da obra desempenhada pelo sr. Silva, é ainda da nossa rigorosa obrigação declarar, que elle a fez por um preço muito modico.

Ha dois annos não poderia por certo o sr. Silva comprometter-se ao ajuste a que ora se sujeitou, em razão do atrazo em que n'esse tempo se achavam os seus operarios.

(*Diario do Governo*, pag. 726, n.º 142, de 19 de junho de 1837).

O côro de Thomar

Agradecemos muito ao ex.^m sr. Ernesto Loureiro a offerta da photographia do côro de Thomar. Não temos agora espaço para considerações, mas não podemos deixar de fazer notar a importancia do desenho que dá idéa da primorosa obra d'arte destruida pela guerra. Está mais nitido que o publicado por Vilhena Barbosa; mostra bem o friso de espigas e cachios d'uvas. Este e outros elementos levam-nos logo ao portico dos Jeronymos; e ao mesmo tempo as figuras inclinadas sustentando a estante e parapeito do cadeirado lembram o côro de Santa Cruz de Coimbra.

A proposito do côro do Thomar Vilhena Barbosa diz:

«Não corresponde o interior do corpo da igreja á magnificencia do exterior. Por dentro reina a maior simplicidade que é possível, sem que se possa dizer alliada com a elegancia. Logo na primeira observação se conhece que o architecto Ayres do Quintal, viu-se obrigado a subordinar o seu engenho, na delinição da planta, a condições que lhe punham pêas.

«Entretanto esta circumstancia não o desculpa de assim deixar aquelle interior tão nú de ornatos, que o seu maior adorno consiste na abobada da laçaria de pedra.

«El-Rei D. Manuel compensou-o de algum modo desta pobreza guarnecendo-lhe o côro com ricas e formosissimas cadeiras de talha feitas pelo insigne esculptor mestre Olivell de Gand, que el-rei D. Manuel encarregou deste trabalho, com a obrigação de o concluir em tres annos.

«Era uma das obras d'arte de maior primor que

o paiz possuia n'este genero. Infelizmente d'ella não resta nem sequer vestigios. Tudo foi destruido pelos francezes em 1810.

«Vilhena Barbosa, *Monumentos de Portugal*, Lisboa, 1836. — pag. 186).»

Do Côro de Santa Cruz de Coimbra diz o sr. dr. Simões de Castro:

«Continuando com a descripção do edificio mencionaremos o côro, como peça muito para admirar. É sustentado n'um grande arco de cantaria lavrada de gosto differente do das outras partes do templo, e diz-se ter sido traçado por um mestre biscainho. É muito vistoso pelas suas 72 cadeiras e pelos ornatos de talha representando cidades, castellos, embarcações, armas, espheras, etc., tudo bellamente dourado e feito de excellente madeira que D. Manuel mandou vir de Allemanha, (A. M. Simões de Castro, *Guia historico do viajante em Coimbra*).»

Pois ha relações entre os cadeirados dos côros de Thomar e Coimbra, como ha entre as proprias estatueias do côro de Coimbra e as da porta occidental dos Jeronymos.

Infelizmente desapareceu tambem outro côro, obra tambem de primeira ordem, do mestre Olivell, e faltou um amador dedicado que nol-o conservasse pelo desenho; refiro-me ao côro de S. Francisco de Evora. Nos *Documentos historicos da cidade de Evora* (3.ª parte, pag. 7 e segg.) se publicaram alguns documentos respectivos a mestre Olivell e suas obras.

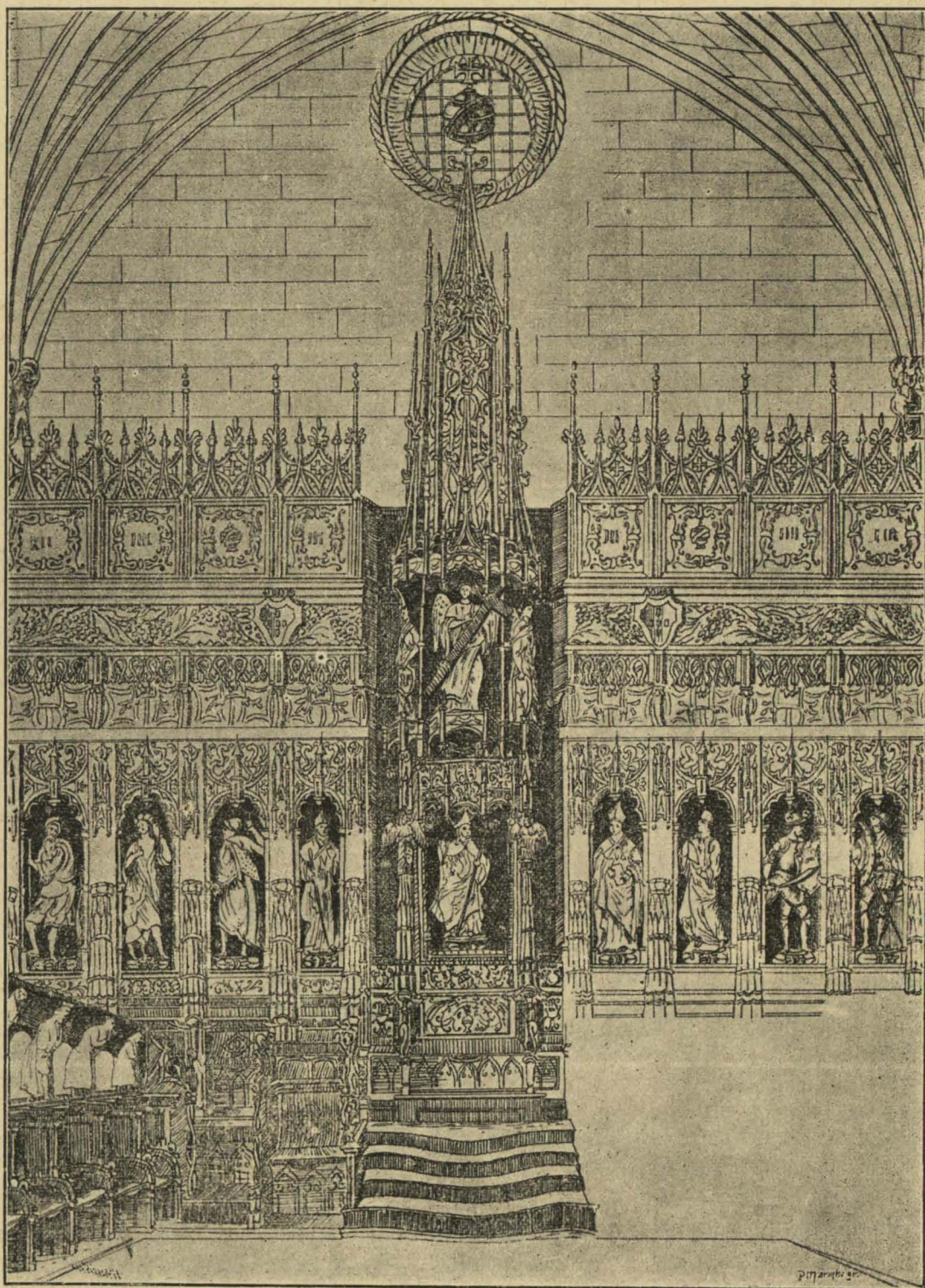
O sr. Haupt (*A Architectura da Renascença em Portugal*, t. II) nota tambem a relação do cadeirado de Thomar com o de Santa Cruz, e lembrando a collaboração dos artistas portuguezes José e Garcia Leal, entalhadores, e a longa estada de Olivell de Gand em Portugal, vê sobresahir o elemento portuguez, poderosamente, no côro de Thomar.

Que ha relações entre os côros de Santa Cruz de Coimbra e de Thomar, nos cadeirados, e entre elles e os Jeronymos, etc., em outros elementos, é certo. Era uma maravilha manuelina esse lindo côro de Thomar.

G. PEREIRA.

CONVENTO DE CHRISTO EM THOMAR

III.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Visconde da Torre da Murta e meu prezado amigo. — Ha mais de dois mezes que cheguei de Thomar e que encontrei n'esta sua casa os *Boletins* n.ºs 3 e 4 da 3.ª série da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, de que V. Ex.^a é socio benemerito; *Boletins* que V. Ex.^a se dignou offerecer-me, e em que foi publicada a minha carta de 28 de Março



Prospecto do fundo do coro de Santa Maria da Graça de Thummar Obra do Sr. N.º D. Manoel

Manoel 1809

do anno proximo findo, ácerca da capella dos Templarios de Thomar.

Ha, por tanto, mais de dois mezes que eu estou n'uma falta indesculpavel para com a gentileza de V. Ex.^a, e para com a amabilidade d'aquella Associação, que tão distinctamente se dignou honrar as minhas letras.

Vou hoje, pois, perante V. Ex.^a fazer *amende honorable* d'aquellas minhas faltas, e procurar remir as minhas culpas, por meio de uma nova offerta, que, por mão de V. Ex.^a me atrevo a dedicar á Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. Consta ella da photographia junta de um desenho inedito da parte do fundo do bello côro monumental do Convento de Christo em Thomar. O côro desapareceu por occasião da invasão dos francezes, e o precioso desenho existe em poder do Ex.^{mo} Sr. José Isidro de Seabra Mousinho, que cavalheirosamente facilitou a sua reproducção.

Foi por occasião da visita a Thomar dos membros do Congresso Internacional da Imprensa, que me lembrei de expôr no côro da egreja do Convento de Christo, as photographias d'aquella opulenta e primorosa obra, que desapareceu com o flagello da guerra, afim de que os illustres estrangeiros que nos visitaram podessem fazer ideia dos primores e da grandeza da nossa arte nacional. E ainda hoje lá se acham expostas as photographias, como imitando a triste legenda que lembrava ao caminheiro o logar em que existia Troia.

N'um livro, sobre monumentos nacionaes, devido a Vilhena Barbosa, acha-se publicada a copia do desenho da parte *lateral* do mesmo côro, desenho tambem pertencente áquelle venerando cavalheiro, neto do Sr. José de Seabra da Silva, que foi ministro de El-Rei D. José, e que ainda conheceu os ultimos freires de Christo, de quem recebeu os desenhos do côro, que foram executados por um amador, official do exercito, aboletado no Convento, antes da invasão franceza. Conto a V. Ex.^a este facto, que me foi relatado por aquelle distincto cavalheiro, a fim de estabelecer a authenticidade dos desenhos. Devo, porém, acrescentar que, comquanto d'elles se depreheende a sumptuosidade e a grandeza monumental d'aquelle primoroso trabalho, que andaria a par dos côros mais ricos dos mais ricos templos do mundo; devo porém acrescentar que é evidente a impericia profissional do desenhador, que em muitos detalhes se mostra absolutamente incomprehensivel, assim como tambem, os ornatos do grande baldaquino central tem mais analogia com a arte arabe, do que com o gothico, de que no templo de Thomar ha bellos specimens na restauração manuelina da *Charolla*.

Repetindo a V. Ex.^a os meus mais cordeaes agradecimentos, me assigno com a maior consideração e estima

Lisboa, 17 de março de 1899.

De V. Ex.^a
subdito e creado m.^{to} obrig.^{do}

Ernesto Loureiro.

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno»
de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação dos n.ºs 3 e 4)

Chaves — villa, concelho e praça d'armas. — Ponte de 18 arcos, feita pelos romanos; em uma das extremidades tem duas columnas com varias inscripções de Trajano e de outros imperadores romanos. — Além do castello, tem esta praça o forte de S. Francisco, ao N. Fóra da praça ha o forte de S. Neutel (ou Eleuterio) e o da *Magdalena*, ao S. — Convento, que primeiramente foi de templarios e, em 1637, de frades franciscanos. Na egreja d'este convento, o magnifico tumulo do primeiro duque de Bragança, D. Affonso, filho bastardo, reconhecido, de D. João I e de Ignez Fernandes Esteves. — Palacio que o mesmo duque mandou fazer em 1400. — Capella do hospital militar de S. João de Deus, toda de abobada de pedra, com telhas vidradas. «O seu frontispicio é obra primorosa de escultura e justamente admirada por nacionaes e estrangeiros.» — Convento de frades de S. João de Deus — Duas albergarias, uma fund. por D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, e outra por Lourenço Pires de Chaves. — Convento de freiras capuchas da Conceição. — «Na egreja parochial está enterrada Maria Mantella e seus sete filhos (gemeos segundo a tradição) e todos clerigos. Era ella natural do Porto. Cada um edificou sua egreja; e foram as seguintes: Santa Maria de Moreira, Santa Maria do Calvão, a de Villar de Perdizes, Santa Leocadia, Santa Maria de Melres, a do mosteiro do Zó e metade da egreja matriz de Chaves.» — Na lapida que cobria a sepultura de todos oito havia uma inscripção em portuguez. — *Noticias relativas á villa de Chaves* por Thomé de Tavora e Abreu; *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Rezende. Evora, 1393, fl. 37; *Noticias Archeologicas de Portugal* pelo sr. dr. Hübner, pag. 86 e seg. — *Lista das inscripções de Chaves* por João Carneiro de Moraes e Castro de Fontoura, nas *Inscripções de Trás os Montes* — noticias enviadas a Contador de Argote por Thomé de Tavora e Abreu (*Bibliotheca Nuc. de Lisboa*, A, 4, 32.); *Os castros em Trás os Montes (Panorama*, vol. III, pag. 269); *Corpus-Inscr. Hisp. Latin*, pelo sr. dr. Hübner, vol. II, 341, 348, XLIV e supp; *Revista Archeologica*, II, n.º 6; *Archivo historico*, vol. II; *Relat. ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Noticias archeologicas de Trás os Montes* pelo rev. Manuel de Azevedo (*Archeologo Português*, 1893, pag. 130); *Pontes romanas em*

Portugal pelo rev. abb. de Miragaya, dr. Pedro Augusto Ferreira (*Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, t. v, n.º 12, pag. 182); *As inscrições romanas da ponte de Chaves* (*Archeologo Portuguez* t. i, n.º 5; n.º 12, pag. 326); *Archeol. Port.*, III, n.ºs 7 e 8; Memoria agronomica por José Ignacio da Costa (*Mem. Econ. da Acad. Real das Scienc.*, t. i); Tumulo do 1.º duque de Bragança (*Arch. Pitt.*, ix, 197) *Mem. e estado chimico sobre as aguas miner. e potaveis de Unhaes da Serra* pelo dr. A. J. F. da Silva com *Breves noções chorographicas* de J. F. Moutinho; *Brasil-Portugal* — Revista quinzenal illustrada — 1899 — n.º 3.

Chellas — aldeia, termo de Lisboa — No antiquissimo convento de freiras de S. Felix, conegas regnantes da ordem de Santo Agostinho, acham-se junto ao altar de Santo Adrião duas lapidas com inscrições uma em portuguez e outra em latim. Tambem junto ao altar de S. Felix ha duas lapidas com inscrições. Outras pedras com figuras foram encontradas nas excavações que se fizeram no claustro em 1604; e mais algumas, no caminho do claustro velho para a cêrca. Na parede do quintal da sacristia estão embebidas lapidas com inscrições romanas. Na parede interior da casa de arrecadação contigua ao vestibulo da igreja, vê-se uma pedra com lavores. — «Consta que este convento foi de *restaes*, não só pela tradição, como tambem por varias inscrições latinas que existiram no *claustro velho*; pelo cêpo em que se faziam os sacrificios, o qual tem uma inscrição que diz *Julia Flaminia*; pela *ara*, onde se conservava constantemente o fogo sagrado, e por mais outros vestigios. Na invasão dos arabes em 716 foi a igreja de S. Felix convertida em mesquita, mas em 1147, depois da tomada de Lisboa, foi logo purificada por D. João Peculiar, arcebispo de Braga, e restituída ao culto catholico.» — «Fr. Luiz de Sousa e outros sustentam que o convento de Chellas foi no seu principio de cavalleiros de S. João. Outros dizem que foi da ordem de S. Thiago, e outros, finalmente, dizem que foi de bernardos. Mas é innegavel que foi *dobrado* (de ambos os sexos) dos cruzios, porque o breve apostolico do papa Gregorio IX, de 1234, que concede muitos privilegios ao mosteiro, diz que elle é de agostinianos.» «Não se sabe desde quando principiou a ser só de freiras. E' opinião de alguns que foi de-de o reinado de D. Affonso II, a pedido de suas santas irmãs, para se evitarem os escandalos a que esta promiscuidade dava logar.» — Na parede interior da casa de arrecadação, contigua ao vestibulo da igreja, uma pedra cuja escultura parece obra romana, e que tem tres leões devorando palmas. — Em 1604 acharam-se tambem aqui alguns vestigios do templo romano, columnas corinthias, e as figuras de Juno, Minerva, e outras divindades mythologicas. — *Noticias archeologicas de Portugal*, pelo sr. E. Hübner; *Corpus Inscript. Hisp. Latin*; vol. II, 23; *Archivo Pittorresco*, t. VII (artigos de Vilhena Barbosa); *Antiguidades romanas de Chellas* por Borges de Figueiredo (*Revista archeol.*, IV, n.º 1 e segg.); No claustro de Chellas (*Branco e Negro*, t. II, n.º 38); *Monumentos archeologicos de Chellas existentes no Museu do Carmo*, pelo sr. J. J. d'Ascensão Valdez (*Bolet. da R. Ass. dos Arch. e Archeol. Por.*, t. VIII, n.ºs 3 e 4. Publicou-se depois em folheto).

Chévora ou Sévera ou Xévora — rio do Alentejo. — Proximo a este rio na *Quinta de Crastos* houve uma torre muito alta.

Chileiros ou Cheleiros — villa, conc. de Mafra. — Albergaria.

Chorense — freg., conc. de Terras de Bouro. — Cortava esta freguezia a estrada militar romana, chamada *Geira ou Geiria*. — Junto ao ribeiro do *Campo das Cabaninhas* achou-se um marco de 13 palmos de altura e 11,5 de circumferencia, dedicado ao imperador Cesar Marco Aurelio. — Perto da capella de S. Sebastião está uma lapida com inscrição illegivel em parte. — Acima da Nazareth, d'esta freguezia, no sitio de *Valfojos*, ha outra lapida, de cuja inscrição tambem apenas se lê uma parte. Abaixo da aldeia de *Saimo* ha mais dois padrões. — *Archeol. Port.*, n.ºs 7, 8 e 12 do t. III.

Christovão (S) de Nogueira do Douro — freg., conc. de Sinfães — Igreja matriz vasta e sumptuosa.

Cicouro e Constantino — freg. conc. de Miranda do Douro. — Segundo a tradição, o sanctuario de N. S.ª da *Luz* foi primitivamente mesquita de mouros.

Cidade da Matança — serra de Coura. — Ruínas de uma praça ou fortaleza romana.

Cidadelhe — freg., conc. de Mesão Frio. — Ruínas de uma antiga povoação, cujos muros ainda em parte estão levantados. — Passava aqui uma via militar romana, de Braga a Amarante. — *Pontes romanas em Portugal* pelo rev. dr. Pedro Augusto Ferreira (*Bolet. da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Port.*, t. v, n.º 12, pag. 183); *Cidadelhe* pelo sr. J. J. Gonçalves Pereira (*Revista Illustrada*, 1892, pag. 201); *Occidente*, XVIII, 251; *Archeol. Port.*, III, n.º 12, pag. 285.

Cidadelhe — freg., conc. de Pinhel. — «No sitio do *Castello* ha um cabeço cercado de um muro, com um metro de alto, que dizem ter sido um castello dos romanos ou dos arabes. (E' mais provavel que fosse uma atalaia dos lusitanos.)» — *Archeol. Port.*, III, n.º 12, pag. 285.

Cinco Villas — villa, conc. de Almeida. — Igreja matriz antiquissima. Diz-se que pertencia a um convento de templarios. — Capella de S. Julião, onde vinham a enterrar muitos cavalleiros da Ordem de Calatrava, de cujos tumulos ainda ha vestigios. — *Topographia medica das Cinco Villas e Arega, ou dos concelhos de Chão de Conce, e Maças de D. Maria em 1848: com o respectivo mappa topographico e carta geologica* pelo sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões.

Cintra — villa e concelho. — Palacio real de architectura normanda grega. — Castello dos mouros. Palacio de Seteaes, onde, a 30 de agosto de 1808, foi assignada a convenção de Cintra. — Perto da ermida da Peninha, sobre um pincaro, está o dolmen de *André Nunes*. Sobre este dolmen achase um marco trigonometrico. — Collar celtico, que a Real Associação dos Architectos e Archeologos, em sessão de 26 de Julho de 1893, denominou *Collar da Penha Verde* (Veja-se o *Boletim* d'esta Associação, n.º 5, 1896, pag. 77, e 78, art. do sr. Gabriel Pereira). — Convento da *Penha Longa*, de frades jeronymos, fund. em 1353 por frei Vasco Martins, concluido por D. João I em 1400 e reedific. por D. João III. — Convento da

Peninha fund. por D. Manuel em 1503, também para frades jeronymos. — Convento de S. Miguel do Priorado, de frades trinos, fund. em 1410 por D. João I. — Convento da Cortiça, de frades capuchos, fund. em 1360 por D. Alvaro de Castro, filho de D. João de Castro. — Gruta de Porto Covo. — Houve nesta serra um templo dedicado á Lua. Cippos e outras pedras com inscrições teem aqui apparecido em diferentes epochas. — Igreja matriz de S. Martinho fund. em 1150 por D. Afonso I. A de Santa Maria e a de S. Miguel tiveram este mesmo fundador. — Misericórdia e hospital fund. por D. Manuel no principio do seculo xvi. *Cintra pinturesca, ou memoria descriptiva da villa de Cintra, Collares, e seus arredores*, pelo Visconde de Juromenha; *Noticia de Cintra, seus edificios e arredores* pelo sr. Joaquim da Conceição Gomes; *Monumentos de Portugal historicos, artisticos e archeologicos* por I. de Vilhena Barbosa, pag. 208; Carta em que se dá noticia das festas que a N. S.ª da Piedade fizerão os Duques (de Cadaval) na sua quinta de Cintra a 10, 11 e 12 de setembro d'este presente anno de 1720; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Haupt, 2.º vol.; *As misericordias* pelo sr. Costa Goodolphim; *Relatorio acerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Archivo historico*, vol. i; *As cidades e vilas* por Vilhena Barbosa; *Monumentos nacionaes* por Mendes Leal (1868); *Memoria sobre uma anta da serra de Cintra* apresentada ao congresso de Bolonha em 1869 pelo sr. Possidonio da Silva (1871); *Des formations tertiaires du Portugal* por Carlos Ribeiro (1880); *Noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos*, II, (1880) idem; *Relação do castello e serra de Cintra e do que ha que ver em toda ella*, etc. por F. de Almeida Jordão (Coimbra, 1748); *Memoria historica sobre a origem da fundação do real mosteiro de N. S.ª da Pena* pelo abbade A. D. de Castro e Sousa (1841); *Portugal e os Estrangeiros*, t. I, pag. 3, 75, 103, 105, 123, 216, 441, 442, 514; t. II, 105, 162, 246, 441, 442, 514; t. II, 105, 162, 256. — *Universo Pittoresco*, t. I, pag. 97; t. III, pag. 1, 65, 145, 177, 193; *Archivo Pittor.*, t. VII, n.º 31; *Panorama photographico de Portugal* (1872-73 74); *Mémoire de l'archéologie sur la véritable signification des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal* pelo sr. J. da Silva; *Excursion à Cascaes et Cintra* (congrès international d'anthropologie, etc. 1880. Compte-rendu, pag. 73.) *Descrição do palacio real na villa de Cintra, que teem os reis de Portugal* pelo Abbade Antonio Damaso de Castro e Sousa (Lisboa, 1838); *Portugal pittoresco*, III e IV, 101, 328; *Fôra da terra* por Julio Cesar Machado e Pinheiro Chagas; *Antiquidades romanas do termo de Cintra*, memoria escripta em 1836 pelo padre Antonio Gomes Barreto, prior da freguezia de S. Martinho d'aquella villa (*Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, t. VI, pag. 9 e 26); *Noticias archeologicas de Portugal* pelo dr. Hübner; *Corpus — Inscript. Hisp. Latin*; vol. II, 23; *Catalogo dos priores da igreja de S. Miguel de Cintra, em que se contém algumas antiquidades da mesma vila* pelo padre Manuel Pereira de Sottomayor, escripto em 1675 (na *Bibl. pub. de Lisboa*, A 4, 14 f. 5 — 55); *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Rezende (Evora, 1893, fl. 38); *Convento de Penha Longa*

(*Panorama*, 1853, pag. 161, 1857, pag. 250, 1866, pag. 57 e 58; *O Paço de Cintra*. Edição de luxo, in-folio, s. n. a. E' dedicada «A Sua Alteza Real o Principe Dom Carlos Duque de Bragança.» Janeiro, 1886; *Sala dos cisnes no palacio real de Cintra* (*Occidente*, vol. I, pag. 52); *Palacio da Pena* (*Occid.*, II, 118); *A villa de Cintra* (*Occid.*, IV, 194); *Capella da Peninha* (*Occid.*, VII, 187); *Monumento da Fé na quinta do Duque de Saldanha* (*Occid.*, VIII, 178); *Palacio da Pena* (*Occid.*, IX, 11); *Monserrate* (*Occid.*, X, 10); *Pelourinho* (*Occid.*, X, 148); *Occid.*, XII, 4 e 138, XVI, 259, XVII, 223; *Portugal Artístico*, n.º 8 (1853-1854); *A Pena*, artigos do sr. A. Braamcamp Freire na *Arte Portuguesa*, n.ºs 1, 2, 4; *Real paço da Pena* por I. de Vilhena Barbosa, (*Artes e Letras*, 1874, pag. 12); *Grutas dos arredores de Cintra* (*Archeologo Português*, 1895, n.º 5); *Revista Illustrada*, 1890, pag. 72, 167; 1892, pag. 11; *Antiquidades do concelho de Cintra* pelo sr. Maximiano Apollinario (*Archeologo Português*, n.º 9, 237); *Vista geral de Cintra* (*Revista pittoresca e descriptiva de Portugal* pelo sr. J. P. N. da Silva, Lisboa, 1862); *Collar da Penha Verde*, art. do sr. Gabriel Pereira no *Bolet. da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, 1896, n.º 5, pag. 77; *Archeologo Português*, vol. II, n.º 1; *Branco e Negro* n.ºs 4, 16, 23, (1896); t. II, 64, 103; *Apointamentos de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 221; *Necropole neolithica do valle de S. Martinho* (*Archeol. Portug.*, vol. I, n.ºs 8 e 9; id. vol. III, n.ºs 9 a 11) *Cpusculos de A. Herculano*, t. VII; *Rainhas de Portugal* pelo sr. F. Benevides, t. I, 233, 352; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I, 19; *Vistas de Cintra* (Burnett); *Archivo Pittor.*, I, II; V a XI; *O Seculo* n.º 6022; *A' travers Lisbonne* (Cintra-Cascaes) pelo sr. E. Coelho, 1898; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Albrecht Haupt; *Occidente*, XIX, n.º 644; *Lisboa antiga* pelo sr. visconde de Castilho (Julio) t. I (Bairros Orient.) *Lisboa d'outros tempos* pelo sr. Pinto de Carvalho, vol. II, pag. 282.

Cidade — monte, termo de Barcellos — Vestigios de uma cidade ou fortaleza romana. — *Noticias archeologicas sobre o monte da Cidade* pelo sr. dr. F. Martins Sarmiento (*Revista de Guimarães*, 1886, pag. 137); *As villas no norte de Portugal* pelo sr. Alberto Sampaio (*Revista de Guim.*, julho e outubro de 1893, 161 e 209); *Archeol. Portug.*, III, n.º 12, 285.

Claudio (S.) e **Nogueira** — freg., conc. de Viana. — Mosteiro de frades bentos, fund. por S. Martinho de Dume em 568, destruido pelos mouros em 716, reedif. em 1145; passou a ser vigaria secular no sec. XVI. — Vestigios de edificios antiquissimos, que se suppõe terem sido fortificações no sitio chamado *Covas dos Médos*.

Codeceiro — villa, conc. da Guarda. — Torre arruinada e muito antiga.

Codeçoso do Arco ou **Venda Nova** — freg., conc. de Montalegre. — Existia aqui no seculo XVII um marco milliario com inscrições romanas. — Padrão dedicado ao imperador Claudio (em *S. Gunhêdo*). Perto d'elle ha outros dois que servem de humbreira a um forno. — *Archeol. Portug.*, III, n.ºs 9 a 11, pag. 230.

(Continúa)

MOSTEIRO DE SÃO SALVADOR DE GRIJÓ

(Continuação do n.º 3 e 4)

Ha tambem nestes coutos jurados a quem dá juramento o juiz d'elles aos quaes com os Almotaceis, querendo os encontrar as justiças de Gaya no tempo de el rei D. Pedro I, poz-se o negocio em litigio diante dos ouvidores dos feitos d'el-rei que então eram Lourenço Gonçalves e Affonso Annes de Alemquer; julgaram elles podia o juiz d'estes coutos, se quizesse, metter Almotaceis e jurados e de facto os mettessem por pertencerem á jurisdicção civil que estes coutos teem, do que lhe mandou passar carta, estando em Obidos em 17 de julho do anno de 1337. Tem porteiro, jurados e quadrilheiros, os quaes todos elege o povo. Porteiros e jurados de anno em anno, a quem o juiz dá juramento de fazerem bem o seu officio; os quadrilheiros são de tres em tres annos e posto que o povo os elege, na camara do Porto se obrigam e desobrigam. Grandes duvidas tem tido o mosteiro de Grijó com as justiças do Porto, sobre a jurisdicção dos seus coutos: e assim por privilegio d'el-rei D. Pedro I, confirmado por el-rei D. João III, em Evora, a 6 de Julho de 1534, não póde o corregedor da comarca do Porto entrar n'estes coutos e fazer devassas e emprasamentos; senão hade chamar fóra d'estes coutos os de quem quizer inquirir ou devassar. Comtudo costuma hoje entrar por correcção, por estarem dentro dos seus limites, nestes coutos, na fórma da ordenação, bem assim que sempre se lhe fazia requerimento por parte do mosteiro, protestando não prejudicaria a tal entrada ás suas doações; pedindo de isso uma certidão que se acostava a outras da mesma sorte que conserva em seu archivo. O qual Corregedor se fizer na correcção artigos, que sejam contra as doações e privilegios deste mosteiro, peça-se d'elles vista e embarguem se na forma da Ordenação. E parece não póde este corregedor entrar por correcção n'estes coutos mais que uma vez em cada trienio; e porque um corregedor d'estes que se chamava Braz Nunes Mascarenhas quiz entrar mais vezes, se lhe requereu o não fizesse, como consta da certidão que mandou passar que retem em seu cartorio; e como tambem pelos annos de 1571 viesse a este couto o juiz dos orphãos do Porto, Diogo Vaz Coveiro, fazer correcção e prover inventarios, soube-o o prior, que então era o grande religioso D. Basilio, e lhe foi requerer não fizesse tal correcção n'estes coutos, por ser contra a posse em que estavam de não fazerem n'elles actos judiciaes outras justiças que não fossem as suas, conforme os privilegios que tinham, ao que o juiz respondeu não era sua tenção quebrar privilegios d'este mosteiro e cessou, do que se fez termo que tem em seu archivo.

Não póde tambem entrar n'estes coutos a camara do Porto a fazer correcção, visitar estalagens, medidas, etc., sendo dos Almotaceis d'elles só fazer esta correcção, sobre o que tem tido este mosteiro muitas sentenças que declaram deve haver n'este couto padrão aferido pela camara do Porto, por onde se hão de aferir todas as medidas cada anno, d'estes coutos.

Assim se julgou no tempo de D. Pedro I, no anno de 1363 e no anno de 1513, em 25 de junho, deu el-rei D. Manuel outra sentença em que manda ás justiças do Porto não entrem n'estes coutos a fazer correcção de pesos e medidas e o mesmo manda outra que o mesmo Rei deu no anno de 1516, o que mandou um corregedor do Porto se guardasse, no anno de 1560, em 28 de outubro.

No tempo mais adiante houve outras, como foi no anno de 1571, governando estes reinos el-rei D. Sebastião, que mandou por sentença sua que, vista a posse em que este mosteiro estava de ter em seus coutos Almotaceis que fizessem correcção, os houvesse e fosse o mosteiro conservado na sua posse. Depois se deu uma sentença mais em 20 de maio de 1615, pelas justiças do Porto, que manda façam as almotacerias os Almotaceis d'estes coutos, segundo as posturas da camara do Porto, pouco mais ou menos, conforme o maior ou menor gasto e custo que podem fazer os mantimentos em vir a estes coutos e que n'elles haja padrões aferidos pelos da camara do Porto e pelos seus se aferirão os particulares. Com o que ainda se não aquietou a camara do Porto, e assim, havendo provisão d'el-rei para demandar o mosteiro diante o juiz dos seus feitos no Porto, correu a demanda em que allegou o mosteiro com sentenças dadas já n'esta materia, que ficam referidas, costume e posse em que estava, com que o juiz deu sentença pelo mosteiro, no anno de 1619.

Não foi ella ainda bastante, porque tornou a estes coutos, no anno de 1622, em 3 de novembro, e entrou nas suas vendas, em que fez correcção, condemnando os vendeiros por se não governarem pelas posturas da sua camara, indo lá aferir as medidas e mais pesos, etc., ao que foi o mosteiro com embargos diante do juiz dos feitos d'el-rei no Porto, diante quem não foram recebidos, havendo por boa a correcção que fizera a camara do Porto, em 15 de julho de 1623 e foi a primeira sentença que houve a camara do Porto contra este mosteiro n'esta materia; porém aggravou d'ella para Lisboa, onde houve sentença por si no anno de 1625, em 7 de junho, pelo juiz dos feitos d'el-rei, Gonçalo de Souza, na qual se julgou ser nulla esta correcção que tinha feito a camara do Porto, n'estes coutos e que o mosteiro e seus coutos usassem da mercê que estava julgada na sentença d'el-rei D.

Manoel e conforme ao que el-rei D. Pedro I tinha já feito, em que houve por bem não viessem a estes coutos as justiças de Gaya ou do Porto a fazer alguma diligencia; e foi a camara condemnada nas custas, as quaes sentenças todas conserva este mosteiro em seu archivo, e mostram a firmeza da jurisdicção de seus coutos por estar passada em causa julgada por tantas vezes.

E depois, no anno de 1673, entrando o corregedor da camara do Porto, Paulo Chamorro Freire em correccção n'estes coutos, os julgou por devassos e na sentença que deu, privou ao prior d'este mosteiro da jurisdicção, que tinha como Donatario, de confirmar as justiças; d'esta sentença se aggravou para a coroa e n'ella a revogaram e mandaram restituir ao prior a posse em que estava conforme as suas doações.

(Continua)

José Pinto da Silva Ventura

Arredores de Lisboa

Relação em que se trata, e faz uma breve descripção dos arredores mais chegados á cidade de Lisboa, e seus arrebaldes, das partes notaveis, igrejas, ermidas e conventos que tem começando logo da barra, vindo correndo por toda a praia até Xabregas, e d'ahi pela parte de cima, até São Bento «o novo».

A cidade de Lisboa
cujas famosas grandezas,
excedem qualquer do mundo
no valor, e na opulencia.

Cujos nobres edificios
abatem aos da soberba
Babylonia, que de todas
foi maravilha primeira.

A que no culto divino
e nas famosas Igrejas,
compete com a mesma Roma
e na policia com Grecia.

Cujas armas assembrarão,
com valerosas emprezas
tão varias gentes do mundo,
em mil batalhas, e guerras.

Não sómente em nossa Europa
contra a Mahometana seita
mas nos campos Asianos,
e nas Africanas terras.

Aquellas que triumpharão-
de Turcos, Moabitas, Persas
Caraconis, e Mogores,
Rumes, Arabes, etc.

Em cujos reinos puzeram,
sendo partes tão diversas
com valor por tantas vezes
as triumphantes bandeiras.

Finalmente uma cidade
que bem pôde ser Princesa
de quantas tem todo o mundo
pois vence nas excellencias.

E' cidade populosa
mui grande sobre maneira
emporio de todo quanto
pelos mares se navega.

Situada no Occidente,
na mais ultima das terras
que abrazada deixa o sol,
quando este hemispherio deixa.

Quasi em trinta e nove graus
está situada, e sujeita
a tal clima, que parece
estar sempre em primavera.

De mil boninas, e flores,
rosas, jasmims, violetas,
cravos, cravilina, goivos,
faz todo o anno capellas.

Pela parte que é mais baixa,
um rio que é mar a cerca
cujo porto é mais soberbo,
que os de toda a redondeza.

E pela parte do norte
com os montes altos, e serras,
se defende, que do frio
nunca sente resistencia.

Quando o sol com maior força
dos seus raios reverbera
os dourados horisontes
abrindo bocas na terra.

E' mui fresca e aprazivel,
mui deleitosa e amena,
com virações com que o mar
toda a cidade refresca.

As quintas que tem por fóra
villas logares e aldeias
por ser numero infinito
é bem que cale, e suspenda.

A multidão de vezinhos,
que dentro n'ella se encerra,
é tão grande, que é impossivel
poder-lhe dar conta certa.

Porque ver sua grandeza
casas, becos e travessas,
praças, ruas e arrebaldes,
não ha quem contar se atreva.

Eu serei pouco arrogante
deixando tão grande empreza
por me não ver Phaetonte,
onde atrevido me perca.

Mas andarei pela rama
por fóra d'onde conheça,
quanto no difficuloso
dizer menos é prudencia.

Na barra logo entrando,
tem mui grande fortaleza,
de São Gião, cujo sitio
é só bastante defesa.

De torres e baluartes
mui forte sobre maneira
com bombardas, bazaliscos,
canhões, colobrinas, espheras.

Tem valoroso presidio
capitães e soldadesca,
dextrissimos bombardeiros
com perpetua assistencia.

Defronte dentro no mar
lhe fica cabeça seca
um baluarte mui forte
sobre alicerces de areia.

Rodeado de estacada
vigas de grossa madeira,
por onde o mar se entulhou
de immensidade de pedras.

O convento dos Cartuxos
ordem de tanta aspereza
que pelo rigor que guarda
se diz ser das mais perfeitas.

Aqui juncto d'esta praia
dentro no mar descarrega
suas aguas crystalinas
o rio de Barquerena.

Logo Santa Catharina
onde quando a monção cessa,
toda nau lança seu ferro,
ou quando sae ou quando entra.

(Continua)

CORRESPONDENCIA

EXTRACTO DOS OFFICIOS ENVIADOS Á COMMISSÃO
QUE A REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E
ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES
ENCARREGOU DE REDIGIR A REPRESENTAÇÃO AO GOVERNO
Á CERCA DOS MONUMENTOS NACIONAES

(Continuação dos n.º 3 e 4)

O sr. Thomaz Tavares Coutinho, administrador
do concelho da Maia, informa que ha alli apenas as

egrejas parochiaes d'Aguaes Santas e Moreira, como
dignas de menção, porquanto, a primeira, que se
diz cceva da monarchia, foi depois reconstruida e
modificada para o estylo manuelino, e a segunda,
da epocha de 1600, torna-se notavel pela sua archi-
tectura.

* *

O sr. Antonio Carneiro, administrador do con-
celho de Marco de Canavezes, informa que n'a-
quelle concelho não ha obras d'arte. Existem ape-
nas dois conventos, um na freguezia de Villa Boa
do Bispo, hoje egreja parochial: a sua fundação
ascende ao anno de 990, por D. Moninho Viegas,
onde estabeleceu Conegos regantes (cruzios) em
cumprimento d'um voto feito quando poz cêrco ao
Castello dos Mouros, cujas ruinas se veem no
Monte ou Castro Serrado. Este convento passou
em 1740 para os jesuitas, que o possuiram até á
extincção da ordem, passando depois para a Corôa,
que o vendeu. Foi visitado por D. Affonso Henri-
ques, em 1141.

O outro é na freguezia d'Alpendurada; foi fun-
dado por Belino, eremita da capella de Santa Ga-
bina e por seu compadre Auguirio, de Cabanellas,
em 1062, sendo sagrado em 1063 pelo Bispo Sis-
nando. Este convento foi coutado por D. Thereza
e confirmado em 1132 por D. Affonso Henriques.
A egreja do mosteiro é hoje matriz parochial,
sendo o convento e cêrca propriedade particular
da familia Magalhães.

* *

O sr. Custodio da Costa, administrador do con-
celho de Paços de Ferreira, informa que n'aquel-
le concelho o unico monumento digno de menção
é o templo denominado Mosteiro de S. Pedro de
Ferreira, que serve de egreja matriz da dita fre-
guezia, e dizem os entendidos ser anterior á fun-
dação da monarchia, mas que actualmente se
acha muito prejudicado com as obras que lhe
fizeram.

* *

O sr. Belmiro Augusto d'Oliveira, administra-
dor do concelho de Paredes, participa que n'a-
quelle concelho merece ser considerado padrão
valiosissimo d'arte e tradição o mosteiro de Cete,
em virtude da exposição que se segue.

A notabilidade d'este monumento provém da
sua antiguidade, de ter sido theatro d'algum
acontecimento memoravel e da sua belleza archi-
tectonica.

Sob o ponto de vista da antiguidade, o mostei-

ro de Cete, ha de bem hobrear, se não exceder, qualquer monumento historico de Portugal. A sua origem recua alguns seculos antes do berço da monarchia. Foi fundado no anno 833 da era christã por dois mouros convertidos ao christianismo, segundo é expresso n'um documento archivado na Torre do Tombo, sob o n.º 19, masso 11, da gaveta n.º 20. Soffreu algumas modificações, é certo, no decorrer dos seculos, e absurdo seria desejar que resistisse intangivel aos ataques do tempo e dos mouros.

A primeira reforma teve logar em 967, operada por um cavalleiro andante, de origem franceza, que, segundo o costume d'aquellas eras, procurava illustrar o seu nome com algumas façanhas, nas guerras encarniçadas em que se debatiam mouros e christãos. Chamava-se D. Gonçalo Veques.

A segunda realisou-a, no seculo XIV, D. Estevão, abbadé d'este mosteiro, o que é expresso n'uma lapide, em caracteres gothicos que á custa de insano trabalho, se verificou ser: *Kalendis Augusti, era MCCCXXI obiit. vir. honestissimus. Abbas. Domin! Stephanus I. q. hanc. ecclesiam. totam. de novo. opere. renovavit. cujus anima. in pace. requiescat. Amen.*

Esta reforma não alterou, porém, a generalidade do typo primitivo, segundo a opinião do sr. Posidonio, honra da archeologia portugueza, que já assim o affirmou.

Os factos memoraveis realisados n'este mosteiro foram os seguintes:

1.º As guerras encarniçadas sustentadas contra os mouros pelos povos da freguezia de Cete e limitrophes que se acolhiam á torre da egreja, construida com ameias e setleiras. N'uma d'estas invasões, foi a egreja tomada e devastada, ao que providenciou depois da paz o já citado D. Gonçalo Veques (*Dissertações Chronologicas*).

2.º D. Mafalda, a santa esposa de D. Affonso I, passava varias temporadas n'este mosteiro, n'uma das quaes lhe offertou uma magnifica cruz de prata, no gosto d'quella epocha, encerrando o Santo Lenho e que é extremamente venerado pelos povos d'aquella freguezia.

A historia d'esta egreja é uma serie de factos em que se revela bem o interesse que os nossos reis mostravam por ella. Sob o aspecto da sua belleza architectonica, a egreja de Cete é um verdadeiro monumento nacional. A capella-mór, com as suas bellas columnas de granito, com uma clareza do mais bello gosto artistico, com a sua magnifica arcaria, causa assombro e admiração!

O corpo da egreja, embora extremamente deteriorado, ainda assim é uma obra d'arte. A frontaria da egreja, porém, que o eminente archeo-

logo já citado sustenta ser completamente original, é da maior belleza architectonica.

Por cima da porta principal ostentam-se as armas do reedificador, cujo tumulo se conserva na capella baptismal e que é d'uma belleza sem igual.

O sr. Ramalho Ortigão, n'uma visita áquella egreja, affirmou que, n'aquelle genero, só conhecia uma igual; pelo que toca a uma das pedras que constitue uma das faces lateraes.

Junto á porta principal estão *vis-á-vis* dois magestosos feixes de columnas graniticas, das quaes a parte principal está soterrada pelos destroços arrastados pelas chuvas. Junto a ellas, estão bancos de pedra que sómente se descobrem excavando o solo um metro.

Sobre os telhados sobresaem as magnificas cruzes de Malta.

A torre, como já disse, é em fôrma de castello; com ameias e setleiras; larga, espaçosa e alta, d'ella se descobre um bello panorama. Tem um relógio com o respectivo sino, do anno de 1640, e termina não em cupula, mas em fôrma de terraço, podendo subir-se até ao seu extremo.

Na capella-mór está o tumulo de D. Estevão da Gama, uma obra d'arte que nada deve ás congêneres do seculo XIV.

Finalmente, a notabilidade d'este mosteiro prova-se, *á priori*, com o facto de ter sido considerado pela commissão dos monumentos nacionaes como monumento historico.

*
*
*

O mesmo sr. Belmiro Augusto d'Oliveira, em additamento ao seu officio anterior, informa que, segundo a tradição historica, o mosteiro da freguezia de Villela, ou, melhor, mosteiro de conegos regerantes de Santo Agostinho, foi fundado por D. Paio Guterres, que, com seu pae D. Guterres, veiu de Gasconha em companhia do Conde D. Henrique, que lhe deu muitas terras n'esta provincia e d'ahi, troncos da familia dos Cunhas.

Não se póde precisar bem a data da sua fundação, mas é certo que já estava construido no anno 1118, sendo conhecido o Prior Affonso Paes. Muitas pessoas nobres lhe fizeram depois grandes doações. Passou a Commendatarios, sendo o ultimo, Antonio Brandão irmão de João Brandão, do Porto, fidalgo honrado, de que vem os senhores da caza de Coreixas. Fez no mosteiro obras de custo e muitas se confirmam pelas suas armas, que n'ellé se vêem. Fallecendo no anno de 1590, o mosteiro uniu-se á Congregação dos conegos de Santa Cruz de Coimbra, e no anno de 1595 entrou n'elle por 1.º prior triennal D. Gaspar dos

Reis. No anno de 1612 uniu-se *in perpetuum* ao Convento da Serra do Porto, sendo depois administrado por dois religiosos, servindo um de presidente e outro de procurador. Tinha uma reliquia do proto-martyr Santo Estevão em uma mão de prata, que desapareceu com a extinção das ordens religiosas, ignorando-se o seu paradeiro. Teve Couto e rendas annexas de dois mil cruzados para o mosteiro da Serra do Porto, cujo Prior apresenta cura secular n'esta freguezia. Este mosteiro de Villela apresentava a Abbadia de Duas Igrejas e cura em varias freguezias.

Actualmente a igreja acha-se restaurada, conservando ainda algumas obras d'arte, como a tribuna do altar-mór, com um artistico frontal, a escada em espiral n'uma das torres, o arco de volta que sustenta o côro, e paredes collossaes. Tem construcção symetrica e ostenta uma bella perspectiva, sendo muito admirado por numerosos visitantes. A casa do convento, hoje em mãos estranhas, acha-se bastante deteriorada, porém conserva ainda bastante valor artistico principalmente pelo seu portico em fôrma balaustral e alguns quadros que alli existem.

Deve-se em grande parte a restauração moderna da igreja ao fallecido reitor José Machado Ferreira.

* *

O sr. Antonio Joaquim de Carvalho, administrador do concelho de Penafiel, informa que n'aquelle concelho só ha digno de mencionar-se como monumento d'arte e de tradição o mosteiro de Paço de Sousa, sito na freguezia do mesmo nome, e onde repousam as cinzas do memoravel Egas Moniz, n'uma campa de estylo antiquissimo.

* *

O sr. Arnaldo Baptista, administrador substituto do concelho da Povoia de Varzim, envia a seguinte nota dos monumentos d'arte e de tradição d'aquelle concelho:

Castello ou fortaleza da Povoia de Varzim:

Este castello, que servia para defender a enseada d'aquella villa, principiou a sua construcção em 1701 e findou em 1740. Consta de quatro baluartes com as necessarias cortinas: dois d'estes baluartes teem frente para o mar e denominam-se da *Conceição* e de *S. Francisco de Borja*; e os outros dois dão para a terra e receberam os nomes de *S. José* e *S. Filipe* e *Diogo*. Os flancos dos primeiros seguem dois lanços de muralha de 33 metros de comprimento, os quaes se juntam em angulo saliente para o mar, e assim formam uma bateria de 7 metros de largura e mais de 60 de extensão. Tem dentro uma capellinha,

hoje algum tanto deteriorada. Este castello esteve por muito tempo em completo abandono, servindo simplesmente para moradia do governador e de alguns militares reformados. Actualmente está sob a vigilancia da guarda fiscal, em serviço n'aquella villa, que o vae occupar, depois de feitos os necessarios alojamentos. Está n'elle collocado um mastro semaphorico.

Paços do concelho: é um edificio de fôrma quadrilonga e de construcção mui custosa, attendendo-se á epocha e ao local em que foi levantado.

Está situado na melhor praça da villa, denominada *Praça de Almada*. Foi fundado pelo benemérito cidadão e magistrado Francisco de Almada e Mendonça, no reinado da Senhora D. Maria I.

Tem bella architectura. Consta de um andar nobre, com muitas janellas bem rasgadas sobre outros tantos arcos de cantaria, que lhes servem como de perystilo e dão entrada para os diversos compartimentos terreos. Nas aguas-furtadas pôde-se dizer que corre outro andar com bastante pé direito, que pôde ser aproveitado. N'este edificio está installada a Camara Municipal, com as suas secretarias e sala das sessões, decentemente adornadas. Contém mais as repartições seguintes: Administração do concelho, Repartição de Fazenda, Tribunal judiciario e Conservatoria. Accommoda tambem a Bibliotheca e as aulas do Instituto Municipal. A parte terrea do edificio está occupada pelas cadeias, repartição fiscal dos impostos municipaes, repartição dos atilamentos dos pesos e medidas e a aula da 3.^a cadeira de instrucção primaria.

Este edificio está a cargo da Camara Municipal, que á sua custa o tem reparado e melhorado, achando-se em muito bom estado.

Igreja matriz: é antiquissima, constando datar de tempos anteriores á monarchia. A frontaria attende ao estylo gothico florido do portico, parecendo ser contemporanea de D. Manuel, que á freguezia deu foral. Sobre a porta travessa e na frontaria existem umas inscrições em caracteres de seculo XIII. Está em pessimas condições de conservação.

Esta igreja já foi considerada monumento nacional e em tempo visitada pelo sr. Albano Bellino um dos membros da commissão dos monumentos nacionaes. E' situada na freguezia de Rates.

Pelourinho: é tambem antiquissimo e data do reinado de D. Manuel. Existe no lugar da *Praça*, freguezia de Rates, quasi em frente da capella do Senhor da Praça. Está em perfeito estado de conservação.

* *

O sr. Antonio Augusto Soares Rodrigues Ferreira,

administrador do concelho de Santo Thyrsó, cita os seguintes monumentos como sendo dignos de conservação :

O claustro da igreja matriz, outr'ora convento de beneditinos, estylo de transição do romano para o gothico, construcção do seculo XIII, julgado grandioso pela Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, em assembléa geral de 3 de dezembro de 1880.

Existem embutidas nas paredes d'aquelle claustro algumas inscripções funerarias, notaveis pela sua antiguidade e pelos varões illustres de que tratam.

A igreja matriz de S. Miguel de Villarinho, antigo convento de conegos regantes, construcção do seculo XII, architectura romana.

Tem esta igreja dignas de menção a porta e frestas da igreja e um elegantissimo arco ogival do seculo XIII ou XIV, mettido n'uma das paredes do antigo claustro e cobrindo um tumulo liso.

A igreja parochial de S. Pedro de Roriz, outr'ora convento dos conegos regantes, construcção do seculo XII, estylo romano, excepto a porta principal, que é d'ogiva, ainda que os ornatos sejam do estylo romano. Esta porta tem tres archivoltas, cheias de ornatos, sustentados em seis columnas, sendo os fustes das primeiras e terceiras faceados e as faces alternadamente semeadas de conchas, ornatos estes que apparecem igualmente nos capiteis e pedestaes das outras columnas de mistura com ornatos de phantasia, e os fustes das segundas são redondos e lisos. O tympano é liso e a sua parte inferior, que serve de verga á porta, descansa as extremidades sobre duas cabeças de touro, que formam os capiteis das duas ultimas columnas. A roseta, sobre a porta principal, é muito notavel; cada um dos seus triplices arcos tem ornatos differentes.

Corôa o frontão uma cruz de Christo, dentro d'uma circumferencia. A capella-mór acaba em semicirculo e tem á volta seis arcos mettidos no grosso da parede e outras tantas frestas igualmente salientes pelo lado de fóra. Veem-se pelo edificio bastantes inscripções, mas de difficil interpretação por estarem algum tanto apagadas, e igualmente se encontram em quasi todas as pedras as siglas com que os canteiros marcavam o trabalho executado.

Está esta igreja soffrivelmente conservada, ainda que a porta e o interior não escaparam a um grossa mão de cal que muito prejudica a belleza do edificio.

* *

O sr. João Pereira Galvão, administrador do concelho de Villa do Conde, informa que os monumentos d'arte e de tradição existentes n'aquelle concelho são os seguintes :

A igreja matriz, o aqueducto em arcaria que

conduzia a agua para o Real Mosteiro de Santa Clara e o mesmo Mosteiro.

A igreja matriz é um amplo templo de tres naves, de architectura manuelina, ha pouco tempo classificado monumento nacional.

O aqueducto, obra grandiosa pela sua extensão de cerca de sete kilometros, com 999 arcos, achase em estado de ruina. Foi construido no seculo XVII, sob o plano e direcção do engenheiro italiano Filippe Tercio, para abastecer de agua potavel o convento de Santa Clara.

Este convento foi começado no seculo XVIII. A sua fachada era mais apropriada para um palacio do que para um convento de freiras.

Infelizmente ha 7 annos que falleceu a ultima freira e o convento ainda hoje espera que o Estado lhe dê applicação, afim de evitar que, com o decorrer dos tempos, venha a cahir em ruinas.

A sua igreja, que é a do primitivo convento, deveria ter sido considerada monumento nacional.

Mais dois monumentos se encontram n'aquella villa, mas de importancia secundaria, a saber :

O Pelourinho, que se ergue sobre um polygono de oito lados, é uma columna em fórmula de corda trabalhada em grosseiro granito porphyroide e tem no alto um braço sustentando uma espada.

Este modesto monumento tem realmente algum valor, tanto que a sua conservação foi recommendada pelo distincto archeologo bracarense sr. Albano Bellino. Acha-se em mau estado.

A *Memoria* é um obelisco que se ergue na praia entre o castello e a capella de Nossa Senhora da Guia. Este singelo monumento foi erguido em 1846. Commemora a embaixada enviada pelo Imperador no dia 8 de Julho de 1832, a pedir ao governador militar para effectuar alli o desembarque do exercito libertador.

Precisa de algumas reparações.

No resto do concelho ha apenas a mencionar a igreja matriz da freguezia de Rio Mau, construcção romana, considerada monumento nacional de primeira ordem e a igreja de Azurara, exemplar modesto de architectura manuelina, mas digna de figurar entre os monumentos nacionaes, afim de a pôr a coberto de quaesquer vandalismos.

* *

O sr. Henrique de Carvalho Julho, administrador do bairro oriental da cidade do Porto, informa que não ha alli outros monumentos importantes a não ser a Sé Cathedral, a igreja de Santa Clara e o Paço Episcopal.

* *

O sr. Francisco Fernandes de Araujo, administrador do bairro occidental da cidade do Porto, diz que, attendendo á sua area e á sua população,

o Porto é uma das cidades que menos se distinguem pelo numero e pela grandiosidade dos seus monumentos. Terra cheia de tradições e possuindo uma larga historia de feitos heroicos, de largas iniciativas e de grandes sacrificios, poucos documentos poderia apresentar para attestar o seu passado glorioso, se essa historia não estivesse litterariamente feita e se essas tradições não se transmitissem de geração em geração pela narrativa oral que se grava na memoria e no coração de todos os portuenses, perpetuando por esta forma a noticia e a importancia das tradições da antiga cidade do Porto, cujos principaes monumentos, relativos ao bairro occidental, são os seguintes :

Egreja de Cedofeita. É templo muito antigo. Presume-se que a sua construcção seja do seculo XI. É de estructura gothica. Tem tido pessimas reconstrucções; todavia é ainda um templo notavel que deve ser conservado como monumento nacional, devendo ser despido das deploraveis alterações que barbaramente lhe tem feito. A sua fabrica é administrada por uma confraria.

Egreja da Lapa. Foi construida na segunda metade do seculo passado. É um templo vasto, solido e elegante. Na capella-mór existe um mausoleu que encerra o coração do rei D. Pedro IV, legado por este á cidade do Porto.

Egreja e torre dos Clerigos. Construcção do seculo XVIII. Architectura composita. Na capella-mór existe um valioso retabulo de bello marmore. A torre, construida pelo architecto italiano Mazoni, é devéras notavel pela sua elegancia.

É de cantaria lavrada e tem 70 metros de altura.

Convem velar pela conservação d'este monumento e evitar que aumente o salitre que começou a ataca-lo pelo lado sul.

Egreja de S. Bento da Victoria. Pertenceu aos frades da ordem de S. Bento. Construcção do seculo XVII. É um templo muito vasto. Embora despojado de muitas das suas riquezas, encerra ainda objectos de muito valor. Convém velar pela sua conservação e obstar a que se façam reparações e reconstrucções que prejudiquem a sua imponente fabrica. O côro d'esta igreja é um dos mais notaveis de Portugal.

Egreja dos extinctos Carmelitas. Construcção do seculo XVII. Sobre este templo diz o sr. Araujo que seria conveniente que a nossa Associação o mandasse examinar e dêsse o seu parecer ácerca do seu valor artistico.

Egreja de S. Francisco. Construcção do seculo XIV, tendo soffrido reparações e reconstrucções que lhe tem modificado em grande parte o caracter primitivo. Esta construcção participa dos estylos romanico e ogival. O templo é interiormente revestido de rica talha dourada, a que o conde de

Raczinsky deu muito apreço. E' dos templos do Porto o que mais chama a attenção dos viajantes.

Egreja dos Terceiros Franciscanos. Construida nos principios d'este seculo. Possui quatro telas do distincto pintor Vieira Portuense. Possui tambem quatro estatuas de granito e varias imagens, feitas pelo escultor João Joaquim Alão, de algum merecimento artistico.

Egreja de Miragaya. Reedificada em varias epochas, desconhecendo-se a da sua construcção primitiva. Tem de notavel toda a obra de talha da capella-mór. Proximo d'esta igreja existe a capella do Espirito Santo, que pertenceu ao hospital dos mareantes e que é construcção do seculo XV.

Capella de Carlos Alberto. Edificada nos jardins do Palacio de Crystal. Muito singela, mas muito elegante, foi mandada construir pela princeza Augusta de Montleir, irmão do rei Carlos Alberto, da Sardenha, para memorar a estada e o fallecimento d'aquelle monarcha no Porto. Possui uma magnifica estatua de pedra, representando S. Carlos Borromeu, escultura de Oliva.

Egreja de S. João da Foz. Construida pelos padres do mosteiro de Santo Thyrsó, junto ao hospicio que aquelles padres tinham fundado na praia de S. João da Foz, de cujo conto eram senhores. É do insigne pintor Barreto (José Teixeira) o painel de S. João, do altar-mór.

Necropoles. Nos cemiterios da Lapa, Agramonte e Cedofeita existem jazigos de valor artistico. Convem velar pela sua conservação e pela das inscripções dos tumulos de homens notaveis.

Edifícios civis a cargo do Estado. Nada existe de notavel.

Fortificações e quartéis. Aquellas estão desmanteladas. Estes nada offerecem de notavel, a não ser o de Santo Ovidio, pela sua vastidão. Convem ser reparado o castello da Foz, mandado construir por Filipe I e concluir por D. João IV.

Palacio de Crystal. Nada de notavel sob o ponto de vista artistico, todavia monumento digno de respeito e de protecção por representar uma grande iniciativa de progresso industrial e n'elle se haver realisado a primeira exposição universal, que se fez n'este paiz.

Museus. Existem algumas preciosidades artisticas no museu municipal da rua da Restauração, por cuja segurança e conservação convem velar.

Epigraphia. Convem tambem cuidar da conservação das inscripções latinas existentes em alguns edificios e monumentos, as quaes se acham colligidas na *Flora latina inscriptionum urbis portuacensis* do padre Francisco José Patricio.

Collegio dos Orphãos. E' conveniente obstar a que se percam quaesquer vestigios historicos da sua fundação.